

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DEMerval DE SANTANA ARAÚJO FILHO

A ESCOLA E A COVID-19: os impasses do trabalho docente na Escola SESI São Luís -
Anexo

São Luís
2024

DEMerval DE SANTANA ARAÚJO FILHO

A ESCOLA E A COVID-19: os impasses do trabalho docente na Escola SESI São Luís -
Anexo

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Paulino de Sousa

São Luís

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Araújo Filho, Demerval Santana de.

A escola e a covid-19: os impasses do trabalho docente na escola sesi são luis - anexo / Demerval Santana de Araújo Filho. - 2024.

93 f. il.

Orientador(a): Antonio Paulino de Sousa.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/CCH, Universidade Federal do Maranhão, UFMA, 2024.

1. Espaço escolar pós-pandêmico. 2. Pandemia Covid-19. 3. Trabalho docente. I. Sousa, Antonio Paulino de. II. Título.

DEMerval DE SANTANA ARAÚJO FILHO

**A ESCOLA E A COVID-19: os impasses do trabalho docente na Escola SESI São Luís -
Anexo**

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Ciências
Sociais da Universidade Federal do Maranhão
como requisito para a obtenção do título de
mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em: 10 / 05 / 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Paulino de Sousa (Orientador)
Doutor em Sciences Sociales et Économiques
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Elisa Maria dos Anjos
Doutora em Memória Social
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Juarez Lopes de Carvalho Filho
Doutor em Sciences Sociales et Économiques
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Durante dois anos dediquei meus esforços a esta dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSoc) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no entanto, a dedicação esteve dividida com as duas escolas que trabalho, Instituto Divina Pastora e o SESI. Trabalhar e estudar são praticamente incompatíveis no Brasil, mas consegui concluir este ciclo graças a inúmeras pessoas que puderam me auxiliar a nunca esmorecer. Cabe deixar registrado todos(as) que contribuíram para essa dissertação.

Inicialmente agradeço a Nosso Senhor Jesus Cristo, a Maria Santíssima e a São Bernardo de Claraval (1090-1153), monge cisterciense, meus baluartes espirituais, sem minha fé católica, seria impossível alcançar tantas conquistas.

Demerval Santana de Araújo e Mirianildes Santana Soares Araújo, meus pais, responsáveis por toda minha educação, desde criança nunca mediram esforços para proporcionar o melhor ensino, graças a eles, sigo firme, e um dia, serei doutor, um sonho que irei realizar.

Aos professores do PPGCSoc/UFMA que tiveram empatia e sensibilidade para compreender a minha vida entre escolas e o mestrado: Professores Igor Gastal Grill (Teoria Política), Juarez Lopes de Carvalho Filho (Teoria Sociológica), Martina Ahlert (Teoria Antropológica), José Benevides Queiroz (Teoria Sociológica), Paulo Fernandes Keller (Epistemologia das Ciências Sociais) e Marcelo Domingos Sampaio Carneiro (Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais).

A minha turma de mestrado, amigas inseparáveis, a melhor turma que eu poderia ter pedido a Deus, sem vocês, meninas, eu não chegaria aqui, obrigado por todo carinho, afeto e atenção: Lorena de Oliveira Elias, Maria Fernanda Souza Gonzaga e Mayara Sousa de Oliveira.

Gratidão as sugestões acadêmicas advindas da minha amada amiga Fernanda Cristina Silva Gomes e ao premiado Rodrigo Sequerra Mahlmeister, vencedor da melhor dissertação em 2022 pela ANPOCS, trocamos alguns *e-mails* e videochamadas e suas dicas foram muito salutares.

Ao Prof. Dr. Rafael Bezerra Gaspar, meu orientador da Graduação em Ciências Sociais da UFMA e presença constante e eficaz durante este mestrado, pelas leituras aos meus textos, aos conselhos psicológicos e acadêmicos e as palavras sempre sinceras. Tens minha eterna gratidão.

Aos amigos Alan Patrick Silva Lindoso, Gabriella Sousa da Silva Barbosa, Heitor Vianna Moura e Soraya Cristina Barbosa Carvalho que estiveram presente durante o período da escrita me auxiliando com sugestões a bibliografia sempre com palavras carinhosas.

Aos meus 585 alunos das 18 salas de aula que precisei dividir atenção nestes 2 anos, esta dissertação é para vocês também, se eu busco me qualificar é para poder proporcionar mais qualidade a minha didática em sala de aula e que eles possam aprender novos conceitos e elaborar cada vez mais seu senso crítico.

Aos meus 24 entrevistados, entre professores e alunos que em nenhum momento colocaram obstáculos para falarem de um momento tão crítico e doloroso que foi a pandemia da Covid-19.

As minhas gestoras do Instituto Divina Pastora e SESI: Ir. Heráclia Maria, Profa. Celimar Cunha e a Profa. Maria das Dores Aires Gonçalves que fizeram o possível para ajustar os horários de sala de aula para que eu pudesse cursar as disciplinas do mestrado.

Aos meus médicos, sem uma boa saúde, seria impossível escrever ou realizar as disciplinas: Dr. Geraldo Melônio e a minha psicóloga Juliana Trinta Moreira Lopes.

As professoras da minha família: Miriam Teixeira de Santana Costa, minha avó, primeira professora no povoado Riacho dos Negros, Palmeirais-PI (*in memoriam*), Marinalva Santana Soares, tia (*in memoriam*), Olinda Santana de Araújo, avó (*in memoriam*).

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antônio Paulino de Sousa, sempre com cautela, prudência, bom humor e serenidade durante as orientações. Obrigado por sugerir as pausas para eu relaxar, elas foram muito importantes para eu controlar minha ansiedade.

Aos professores Elisa Maria dos Anjos e Juarez Lopes de Carvalho que contribuíram salutarmente na minha qualificação e na defesa do mestrado.

Aos meus antepassados que suas histórias de conquistas são minhas fontes de inspiração constante para meus estudos. Segue alguns que mais pesquiso e me inspiro: Josefa Figueiredo Teixeira (bisavó), Francisco de Araújo Costa (avô), Miguel Pereira de Araújo (tetravô), Ricardo José Teixeira (tetravô) e Roberto José de Santana (trisavô).

As orações das minhas madrinhas espirituais: Ir. Maria Helena, monja concepcionista residente no antiquíssimo Mosteiro d'Ajuda (Rio de Janeiro) e a Ir. Maria Cecília, monja carmelita residente no Carmelo São José (São Luís-MA).

Ao inigualável, competente e bem-humorado Wilame Costa, secretário do PPGCSoc/UFMA, obrigado pelas partilhas.

Quando ingressei no mestrado em algumas aulas perguntaram o que esperávamos com as aulas e sempre eu respondia que eu gostaria de leveza. Não leveza no conteúdo ou na didática,

mas que as aulas pudessem ser sempre agradáveis e que as relações sociais construídas fossem autênticas e eu encontrei tudo isso, por mais exigentes que os professores fossem, encontrei em todos, sorrisos, histórias e aprendizados para além da ementa da disciplina.

“Stat Crux dum volvitur orbis”
(“A Cruz permanece intacta enquanto o Mundo
dá sua órbita”)

Lema da Ordem da Cartuxa.

RESUMO

Esta dissertação possui como objetivo principal analisar e discutir as mudanças provocadas pela pandemia da Covid-19 no trabalho docente no contexto ludovicense na escola SESI São Luís - Anexo no ano de 2021 com o intuito de contribuir qualitativamente para as discussões atinentes ao trabalho docente e as mediações sociais no ambiente escolar. Em termos específicos perceber quais os discursos construídos e reproduzidos no espaço escolar (des)motivam os alunos durante o ano de 2021, quais os sentidos dos trabalhos desempenhados pelos professores, analisar as consequências da privação física dos alunos a sala de aula e compreender as ressignificações que estes profissionais tiveram que passar para continuarem realizando suas atividades. Discute o trabalho docente executado na escola SESI São Luis – Anexo e as estratégias adotadas pelos docentes para ministrar suas aulas. Outrossim, discute os efeitos da pandemia da Covid-19 na sala de aula presencial.

Adotando uma abordagem quali quantitativa, promove uma caracterização dos entrevistados (professores e alunos), no intuito de analisar aspectos de formação a fim de compreender as ações empreendidas em sala de aula. O estudo aqui proposto além das entrevistas semiestruturadas, recorreu a questionários, observações *in loco* com o objetivo de verificar os discursos que permearam as ressignificações do trabalho docente se as mediados no ano de 2021 exclusivamente através de plataformas digitais. Tomando como referência os documentos oficiais como: Resolução CNE/CP nº 2, de 5 de agosto de 2021, Resolução CNE/CP nº 2, de 10 de dezembro de 2020, Parecer CNE/CP nº 5/2020 e Fundação Oswaldo Cruz (2022). Estes documentos afirmaram as diversas etapas da evolução da Covid-19 no Brasil e as diferentes ações adotadas para conter o vírus. Foi possível perceber que houve um aprofundamento da precarização do trabalho docente, uma vez que, se observou a falta de recursos digitais para lidar com a nova realidade. Ademais, pode-se notar a crescente massificação das plataformas virtuais como meio principal na construção do conhecimento escolar. Além disso, se percebeu um expressivo aumento nos conflitos escolares, possivelmente resultantes do período de isolamento social durante o período pandêmico, especialmente no ano de 2021.

Palavras-chave: trabalho docente; pandemia Covid-19; espaço escolar pós-pandêmico.

ABSTRACT

This dissertation's main goal is to analyze and discuss the changes caused by the Covid-19 pandemic in teaching work in São Luís city context at the SESI São Luís Annex school, in the year 2021 with the aim of contributing qualitatively to the discussions relating to teaching work and the social mediations in the school environment. In specific terms, understand which discourses constructed and reproduced in the school space motivate (or not to), students during the year 2021, what are the meanings of the work carried out by teachers, analyze the consequences of students' physical deprivation in the classroom and understand the resignifications that these professionals had to go through to continue carrying out their activities. It discusses the teaching work carried out at the SESI São Luís Annex school and the strategies adopted by teachers to teach their classes. Furthermore, it discusses the effects of the Covid-19 pandemic in the face-to-face classroom.

Adopting a qualitative and quantitative approach, it promotes a characterization of the interviewees (teachers and students), with the aim of analyzing training aspects in order to understand the actions undertaken in the classroom. The study proposed here, in addition to semi-structured interviews, used questionnaires and on-site observations with the aim of verifying the discourses that permeated the resignifications of teaching work and those mediated in 2021 exclusively through digital platforms. Taking as a reference official documents such as: CNE/CP Resolution nº 2, of August 5, 2021, CNE/CP Resolution nº 2, of December 10, 2020, CNE/CP Opinion nº 5/2020 and Oswaldo Cruz Foundation (2022). These documents stated the different stages in the evolution of Covid-19 in Brazil and the different actions adopted to contain the virus. It was possible to notice that there was a deepening of the precariousness of teaching work, since there was a lack of digital resources to deal with the new reality. Furthermore, the growing massification of virtual platforms can be noted as the main means of constructing school knowledge. Furthermore, a significant increase in school conflicts was noticed, possibly resulting from the period of social isolation during the pandemic period, especially in 2021.

Keywords: teaching work; Covid-19 pandemic; post-pandemic school space.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Médico com máscara anti peste negra.....	26
Figura 2 – Coronavírus: pessoas usando máscaras de proteção formam enorme fila em frente à agência da Caixa, em Recife, para tentar resgatar o auxílio emergencial.	30
Figura 3 – Sala de aula durante a pandemia	35
Figura 4 – Tela inicial do Teams	37
Figura 5 – Reunião planejamento de professores no período da pandemia	39
Figura 6 – Panfleto elaborado pelos alunos.....	52
Figura 7 – Abertura das câmeras em aula.....	53
Figura 8 – Anúncio do Projeto Bem-Estar Relax 2023.....	56

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição por sexo – professores (%).....	40
Tabela 2 – Distribuição de raça/cor – professores (%).....	40
Tabela 3 – Distribuição de faixa etária – professores (%).....	41
Tabela 4 – Distribuição de formação acadêmica – professores (%)	41
Tabela 5 – Distribuição por área de conhecimento – professores (%)	41
Tabela 6 – Distribuição do sexo – Alunos (%)	42
Tabela 7 – Distribuição de raça/cor – Alunos (%)	42
Tabela 8 – Distribuição de faixa etária – Alunos (%)	42
Tabela 9 – Distribuição de formação escolar materna – Alunos (%).....	43
Tabela 10 – Distribuição de formação escolar paterna – Alunos (%).....	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVA	Ambientes Virtuais de Aprendizagem
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e Caribe
CNE	Conselho Nacional de Educação
COGEP	Coordenadoria de Gestão de Pessoas
CP	Conselho Pleno
EaD	Educação a Distância
ESPII	Emergência de Saúde Pública e de Importância Internacional
GESTRADO	Grupo Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente
ILO	<i>International Labour Organization</i>
ISST	<i>Institut des Sciences Sociales du Travail</i>
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
NAE	Núcleo de Apoio Educacional
NEM	Novo Ensino Médio
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
PPGCSoc	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI	Serviço Social da Indústria
SGE	Sistema de Gestão Escolar
SINEPE	Sindicato dos Estabelecimentos Particulares do Maranhão
TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	A PANDEMIA DA COVID-19: UM CENÁRIO DE DISPUTAS	24
1.1	Peste negra: o carrasco da Idade Média.....	25
1.2	Pandemia da Covid-19: cenário mundial	27
1.3	Pandemia da Covid-19: cenário nacional.....	28
2	TRABALHO DOCENTE: os impasses durante a pandemia	31
2.1	Pandemia e sala de aula	35
2.2	Docência: um ato de resistência	38
2.2.1	Perfil dos respondentes.....	40
2.2.1.1	<i>Respondentes – professores(as)</i>	<i>40</i>
2.2.1.2	<i>Respondentes – alunos(as)</i>	<i>42</i>
2.2.2	Perfil de entrevistados(as).....	44
2.3	O ensino através das plataformas digitais no período pandêmico na Escola SESI São Luís - Anexo.....	44
2.4	Saúde mental docente.....	53
3	O ESPAÇO ESCOLAR “PÓS-PANDEMIA”	58
3.1	Representações da sala de aula durante a pandemia.	58
3.2	Interações professor e aluno.	62
3.3	Desafios escolares “Pós-Pandemia”	64
3.3.1	Conflitos escolares	67
3.3.1.1	<i>Os modelos conscientes e a nova realidade pandêmica</i>	<i>67</i>
3.3.1.2	<i>Entre silêncios, tabus e conflitos escolares: a preservação da estrutura escolar</i>	<i>68</i>
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
	REFERÊNCIAS	73
	APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	80
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	83
	APÊNDICE C – FORMULÁRIO – VIA DOCS – PROFESSORES	84
	APÊNDICE D – FORMULÁRIO – VIA DOCS – ALUNOS.....	89

INTRODUÇÃO

Com a pandemia da Covid-19 a relação entre trabalho e educação tomaram diferentes configurações à medida que as relações sociais entre professor e aluno passaram a ser cada vez mais mediadas por plataformas digitais. Houve uma busca a fim de compreender as ressignificações do trabalho docente intermediado por ambientes virtuais de aprendizagem. O projeto de pesquisa surgiu durante o período de isolamento/confinamento social em 2020, período que saí da sala de aula presencial e fui obrigado a lecionar diante uma tela de *notebook* para alunos/alunas que dificilmente ligavam as câmeras

Aliado a ausência constante dos alunos, a situação era agravada, pois o trabalho docente era algo recente em minha vida, pois há somente 1 ano eu tinha começado a trabalhar em sala de aula, então a construção da minha identidade enquanto professor estava relacionada ao cenário pandêmico e não pude contar com sugestões de outros professores a fim de entender como gerenciar uma sala, organizar um plano de aula e mediar conflitos entre alunos, pois aquela situação escolar imposta pela pandemia era completamente nova para todos os trabalhadores da educação mundial.

A relevância desta dissertação reside na compreensão do trabalho docente e suas modificações pedagógicas especificamente durante a pandemia da Covid-19. Ademais ao inter cruzarmos pandemia e trabalho docente julgamos trazer contribuições à Sociologia da Educação e à Sociologia do Trabalho, haja vista que, as condições de trabalho impostas pela pandemia alteraram significativamente o trabalho docente.

O interesse em pesquisar sobre o mundo do trabalho docente e suas interações no espaço educacional e tomá-los como objeto de uma pesquisa surgiu, sobretudo, durante o ano de 2021 lecionando Sociologia na Escola SESI São Luís - Anexo. Durante o ano de 2021 a frequência dos alunos do 1º ano do Ensino Médio caiu consideravelmente. Os alunos argumentavam que não possuíam interesse em aulas remotas, e taxavam as aulas como exaustivas, prolixas, desmotivadoras e improdutivas.

A Escola SESI São Luís - Anexo oferece o Ensino Médio integrado a cursos profissionalizantes ligados ao Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) no contraturno. No ano de 2021 o alunato da escola contava com 600 alunos matriculados (SESI, 2021). Ademais os docentes passaram por formações emergenciais para lidarem com o ensino remoto.

O objetivo principal dessa pesquisa é investigar os impactos do novo coronavírus no trabalho docente mediado pelas plataformas digitais e as relações socioeducacionais na

Educação Básica de São Luís, com foco no Ensino Médio no contexto educacional ludovicense na escola SESI São Luís - Anexo no ano de 2021 com intuito de contribuir qualitativamente para as discussões atinentes ao trabalho docente e às mediações sociais no ambiente escolar.

Em termos específicos perceber quais os discursos foram construídos e reproduzidos no espaço escolar que (des)motivaram os alunos durante o ano de 2021, quais os sentidos, ou seja, quais as configurações sociais que foram traçadas mediante a chegada a Covid-19 nas salas de aula e como esses novos arranjos afetaram o trabalho desempenhado pelos docentes. Ademais, se preocupou em analisar as consequências da privação física dos alunos à sala de aula e compreender as ressignificações que estes profissionais tiveram que passar para continuarem realizando suas atividades.

O estudo aqui proposto tem como foco verificar empiricamente se as mediações sociais entre professor/a e aluno/a através de plataformas digitais ocasionaram danos aos índices educacionais e quais foram as consequências da ausência dos alunos presencialmente em sala de aula.

Desse modo, a fim de entender as relações professor-aluno no contexto pandêmico e como se organizam o trabalho docente no atual cenário educacional, utilizou-se uma abordagem quanti-qualitativa. Em que destacamos o trabalho e a educação como categorias estruturantes para essa pesquisa. Propôs-se analisar as mediações educacionais – professor-aluno – na esfera do trabalho docente, com base na Escola SESI São Luís - Anexo.

Estas considerações impulsionaram-nos a refletir sobre uma problemática infelizmente ainda pouco explorada nos estudos à Sociologia da Educação e na Sociologia do Trabalho, que diz respeito às reconfigurações que o trabalho docente vivenciou durante o período pandêmico, especialmente no ano de 2021.

Destaca-se que o trabalho docente naquele momento estava permeado por incertezas, uma vez que, com o crescimento da contaminação do vírus da Covid-19, o regime de isolamento social imposto obrigou a todos a realizarem suas atividades laborais exclusivamente em casa. O cenário pandêmico impôs ao trabalho docente novos contornos sociais necessários à construção de outras estratégias educacionais que fossem eficazes para os alunos.

Para empreendermos essa pesquisa, tomamos como *lócus* empírico a Escola SESI São Luís - Anexo a fim de realizar a coleta de dados. O local escolhido para esta pesquisa foi a Escola SESI São Luís - Anexo, esta unidade é uma extensão da Escola SESI São Luís, se optou por esse local pois nela exerço minhas atividades docentes, enquanto professor de Sociologia desde 2020.

Essa instituição escolar foi fundada em 1962, com o nome de Escola Anna Adelaide Bello, situada no bairro da Alemanha atendendo a Educação Infantil (creche e pré-escola), Ensino Fundamental Anos Iniciais (1º ao 5º ano), Anos Finais (6º ao 9º ano) e em 2008 implantado o Ensino Médio atualmente localizado na rua Jerônimo Viveiros, no bairro Alemanha. A escola em 2022, contando todos os segmentos educacionais, possuía 2.411 (dois mil e quatrocentos e onze) alunos, atendidos por 1 (uma) gerente, 2 (duas) gestoras pedagógicas, 2 (duas) psicopedagogas, 7 (sete) supervisoras, 79 (sessenta e nove) professores, 26 (vinte e seis) estagiários, 2 (duas) secretarias, 15 (quinze) administrativos e 1 (uma) analista I.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 10 professores(as) e 14 alunos(as). Essas entrevistas seguiram um roteiro de perguntas elaboradas¹ a fim de atender a problemática da dissertação. Ademais, para traçarmos o perfil dos entrevistados elaboramos um questionário importante para a construção das perguntas pertinentes para o momento da entrevista. A escolha dos sujeitos ocorreu através de todos terem vivenciados a docência durante a pandemia da Covid-19, enquanto os alunos se priorizaram aqueles que em 2021 cursava o 1º ano (2021) e estavam no ensino remoto e em 2023 estavam no 3º ano (2023) vivenciando o ensino presencial, sendo possível construir um paralelo entre duas realidades educacionais distintas.

As fontes orais apreendidas durante o processo de pesquisa permitiram construir interpretações qualitativas da vida e dos processos sociais investigados, o sentido e a identificação que esses(as) professores(as) e alunos(as) acionam nas suas tomadas de posições, conjugando teoria e prática num exercício constante e processual do pensar cientificamente, reaprendendo a olhar, ouvir, escrever, questionar. Pois, como afirma Bachelard (1996), a construção do conhecimento só é possível se realizarmos a prática da abstração e evitarmos os problemas propiciados pelos obstáculos epistemológicos.

Configura-se como obstáculo toda experiência que se pretende concretizar real, natural e imediata, pois, segundo o autor, a experiência científica é plural, deve sempre se reconstruir. É preciso ultrapassar as aparências, não se acomodar com as respostas prontas, mas questionar a realidade dada, pois “[...] para o conhecimento científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído” (Bachelard, 1996, p. 18).

¹ O roteiro de perguntas foi elaborado com o objetivo de conseguir a maior quantidade de informações possíveis dos entrevistados (professores e alunos). Cabe ressaltar que antes da aplicação do questionário, foi enviado por e-mail um questionário com perguntas objetivas a fim de traçar os perfis dos entrevistados. Os dois formulários constam nos apêndices, sendo o Apêndice A o roteiro das perguntas abertas realizadas, enquanto o Apêndice B é o formulário com as perguntas fechadas. Outro ponto importante, uma vez que, os alunos não atingiram a maioria, os responsáveis assinaram um termo de consentimento (Apêndice C) permitindo o uso das entrevistas para fins dessa dissertação.

Ser pesquisador no local que já possui familiaridade, traz alguns desafios, especialmente por já julgar a realidade como naturalizada. Logo exigiu um processo de desnaturalização que fosse capaz de facilitar minhas análises.

Para analisar as questões acima acerca das mediações pedagógicas na condução das aulas durante o ensino remoto e especialmente as novas configurações do trabalho docente que esta pesquisa se propõe, fez-se importante compreender as dinâmicas sociais nas quais esses(as) alunos(as) e professores(as) se inscreveram, as relações de trabalho e os papéis sociais que exerciam, através das trajetórias de socialização imbricadas nesse processo. Por socialização entende-se o processo de criação de identidades nos indivíduos, por meio de instrumentos de interação social que permitem a apreensão de normas e valores sociais. Nesse processo vão sendo construídos sentidos aos novos papéis sociais atribuídos a professores e alunos.

Nesse aspecto, o trabalho é uma categoria útil de análise por possibilitar entender as dinâmicas sociais e econômicas e as relações de poder contidas na relação professor-aluno. O estudo das relações sociais desses agentes educacionais – professores e alunos – passa pelo reconhecimento da articulação entre as diferentes identidades sociais que são negociadas no contexto educacional que se formou a partir da pandemia da Covid-19. Cabe salientar que o trabalho docente adquire uma nova configuração em virtude das condições impostas pelo isolamento, produzindo novas interações sociais.

Diante disso, essa pesquisa buscou analisar o trabalho docente no contexto pandêmico, a fim de compreender as mudanças nas interações sociais produzidas na escola. Ademais buscou-se desvelar os sentidos e as (des)motivações do trabalho docente e suas práticas como agentes educacionais.

A ONG *Human Rights Watch*² lançou um relatório a partir de entrevistas realizadas entre abril de 2020 e abril de 2021 e os resultados são alarmantes. O relatório destacou que algumas crianças brasileiras não retornaram à escola porque começaram a trabalhar ou se casaram. Além disso, a ONG *Human Rights Watch* (2021) apontou questões relacionadas à conectividade. Acessibilidade, pobreza extrema e viver longe de grandes cidades foram fatores apontados como dificultantes para o acesso desses jovens à educação. O relatório demonstrou uma situação de total vulnerabilidade social e exclusão. O estudo se coaduna com esta pesquisa pois se notou que diversos professores e alunos não possuíam internet, logo as aulas eram

² Fundada em 1978, a *Human Rights Watch* é reconhecida por investigações aprofundadas sobre violações de direitos humanos, elaboração de relatórios imparciais sobre essas investigações e o uso efetivo dos meios de comunicação para informar e sensibilizar diversos públicos sobre suas causas.

prejudicadas e o conteúdo não era repassado amplamente para todos os alunos do 1º ano do Ensino Médio em 2021.

O professor, diante das variadas funções que a escola assume, tem de responder a exigências que estão além de sua formação. Muitas vezes esses profissionais são obrigados a desempenhar funções de agente público, assistente social, enfermeiro, psicólogo, entre outras. Noronha (2001) nos ajuda a compreender que muitos professores sofrem por exigências exacerbadas, pedidos de plano de aula em horários fora do expediente de trabalho e expertise no manuseio de novos aplicativos, essas cobranças contribuíram para um sentimento de desprofissionalização, de perda de identidade profissional, da constatação de que ensinar às vezes não é o mais importante, mas o principal naquele momento era somente manter a atenção dos alunos e evitar a evasão deles das aulas remoto.

Importante destacarmos que o trabalho docente não é definido apenas como atividade em sala de aula, ele compreende a gestão da escola no que se refere à dedicação dos professores ao planejamento, à elaboração de projetos, à discussão coletiva do currículo e da avaliação. Oliveira (2004, p. 1132) afirma que o trabalho docente amplia o seu âmbito de compreensão e, conseqüentemente, as análises a seu respeito tendem a se complexificar, pois o professor necessita ir além das ações de sala de aula, mas cabe a ele também a manutenção dos alunos em sala com atividades que sejam atrativas.

Enguita (1991, p. 80) afirma que a docência estava ante uma ambigüidade entre o profissionalismo e a proletarização. O autor chama atenção para o fato de que a profissionalização não é sinônimo de capacitação, qualificação, conhecimento, formação, mas a “[...] expressão de uma posição social e ocupacional, da inserção em um tipo determinado de relações sociais de produção e de processo de trabalho” (Enguita, 1991, p. 80). O autor nos ajuda a repensar o processo de proletarização da docência, à medida que, sobre o professor recai inúmeras obrigações, entre elas, ficar atento à saúde mental dos alunos, o manuseio de ferramentas digitais. O professor precisa às vezes “cuidar” de mais de 500 alunos e recebe salários baixíssimos, essas situações contribuem para a decadência da docência.

Dentro do cenário educacional vigente na pandemia do novo coronavírus houve um aprofundamento da precarização do trabalho docente, uma vez que, se observou a falta de recursos digitais para lidar com a nova realidade. Sousa (2017, p. 37) nos revela a escola enquanto espaço de desigualdades sociais, pois ela:

[...] é um espaço privilegiado para se observar o problema das desigualdades sociais e escolares. O sistema de ensino reforça e reproduz as desigualdades sociais, uma vez que as desigualdades escolares são conseqüências diretas da repartição do capital

cultural e da proximidade com a cultura escolar e, por este meio, com a cultura burguesa.

Sousa (2017) nos assegura que o sistema de ensino reforça a realidade caótica, logo dialoga diretamente com o atual cenário educacional, pois se clarifica a cultura burguesa enquanto espaço de dominação das massas e detentora do capital cultural.

Em relação à categoria trabalho, o referencial adotado se justifica como fundamental por permitir contextualizar histórica e objetivamente as contradições e a dialética das estruturas sociais, fundamentando as metamorfoses atuais no mundo do trabalho nas esferas subjetivas e materiais da vida social, a fim de compreender as condições e formas de produção do mundo do trabalho contemporâneo e da vida econômica atual. Entende-se aqui o trabalho como atividade vital do ser social, que ao “[...] apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana [...]” (Marx, 1975, p. 202) se diferencia dos outros animais e cria, historicamente, condições para organização e reprodução social.

As relações sociais têm sido elaboradas historicamente nos variados campos de sociabilidade. Relações vivenciadas cotidianamente, estruturadas por práticas, normas e simbologias culturalmente construídas que possuem, ainda, uma base material reforçada através do trabalho. Ademais as relações sociais pertinentes ao espaço escolar se concretizam através da interatividade dos indivíduos. Nesse sentido, para refletir em torno dessas questões, revisou-se a literatura referente às categorias educação (Bourdieu, 1998) e trabalho (Marx, 1975; Antunes, 2002).

Quando o ser humano “[...] põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana [...]” (Marx, 1975, p. 202), o trabalho se caracteriza não apenas como um modo de sobreviver economicamente, mas também por possuir dimensão social, simbólica, ideológica e política. Porém, se por um lado o trabalho é elemento fundamental para organização da vida humana, por outro, a sociedade capitalista tenta reduzi-lo ao caráter mercadológico, assalariado, minimizando seu valor criativo:

[...] o que deveria ser fonte de humanidade se converte em desrealização do ser social, alienação e estranhamento dos homens e mulheres que trabalham. E esse processo de alienação do trabalho não se efetiva apenas na perda do objeto, no produto do trabalho, mas também no próprio ato de produção, que é resultado da atividade produtiva já alienada [...] significa dizer que sob o capitalismo, o trabalhador frequentemente não se satisfaz no trabalho, mas se degrada: não se reconhece, mas muitas vezes recusa e se desumaniza no trabalho (Antunes, 2002, p. 9).

Desse modo, entendendo que as relações sociais são definidas pelas condições de organização das relações de trabalho, o mercado globalizado deu nitidez às novas formas de classificação social, às diferenças entre os aptos e não aptos ao mercado de trabalho, marcadas pela diferença entre raças, classes e sexos, fortalecendo uma crise em larga escala, como afirma Hirata (2011, p. 13), “[...] crise dos mercados financeiros, crise bancária, crise econômica e crise social [...]”, essa crise se configura na educação à medida que a Covid-19 aprofunda as desigualdades sociais.

Outra categoria útil a esta pesquisa é o trabalho docente. Oliveira (2004, p.1132) nos apresenta a seguinte reflexão:

[...] o trabalho docente não é definido mais apenas como atividade em sala de aula, ele agora compreende a gestão da escola no que se refere à dedicação dos professores ao planejamento, à elaboração de projetos, à discussão coletiva do currículo e da avaliação.

Oliveira (2004, p.1132) nos afirma que o trabalho docente amplia o seu âmbito de compreensão e, conseqüentemente, as análises a seu respeito tendem a se complexificar, ou seja, o trabalho docente extrapola a sala de aula exigindo dos professores um número cada vez maior de competências para lidar com os alunos. Para compreender a natureza do trabalho na escola, é preciso resgatar como são construídas historicamente o ambiente educacional, espaço este repleto de divisões e segregações como afirma Bourdieu (1992), “[...] a escola reproduz e legitima as desigualdades”.

A escola se constrói enquanto espaço para “herdeiros” (Bourdieu, 1992) uma vez que, somente as classes dominantes possuem os capitais necessários para atingir os melhores postos na sociedade, em meio ao pensamento de Bourdieu se vislumbra que com o advento da Covid-19 os “herdeiros” se consolidam ainda mais nos postos mais altos da sociedade, uma vez que, detêm os capitais necessários para acessarem as plataformas. Repensar as desigualdades educacionais se fazem necessárias, especialmente sobre o prisma das análises bourdieusianas realizadas por Nogueira e Nogueira (2002, p. 30):

[...] o argumento central do sociólogo é, então, o de que ao dissimular que sua cultura é a cultura das classes dominantes, a escola dissimula igualmente os efeitos que isso tem para o sucesso escolar das classes dominantes. As diferenças nos resultados escolares dos alunos tenderiam a ser vistas como diferenças de capacidade (dons desiguais) enquanto, na realidade, decorreram da maior ou menor proximidade entre a cultura escolar e a cultura familiar do aluno. A escola cumpriria, assim, portanto, simultaneamente, sua função de reprodução e de legitimação das desigualdades sociais. A reprodução seria garantida pelo simples fato de que os alunos que dominam, por sua origem, os códigos necessários à decodificação e assimilação da cultura escolar e que, em função disso, tenderiam a alcançar o sucesso escolar, seriam aqueles pertencentes às classes dominantes. A legitimação das desigualdades sociais

ocorreria, por sua vez, indiretamente, pela negação do privilégio cultural dissimuladamente oferecido aos filhos das classes dominantes.

Nogueira e Nogueira (2002) evidenciam a escola enquanto espaço para as classes dominantes. Logo a escola cumpre o papel de reprodução e de legitimação das desigualdades sociais.

Uma vez que os alunos foram privados da presença física do espaço escolar, suas identidades e seus laços se enfraquecem. Mead (1934) ressalta a importância da dimensão interativa, uma vez que, as interações humanas são, assim, sempre sociais. Interações sociais mantêm e recriam, portanto, a todo e a cada momento, a estrutura mesmo do que se convencionou chamar de sociedade.

Mead (1934) nos aponta para a manutenção das interações sociais enquanto elementos fundamentais para o tecido social,

[...] assim, se as interações representam o tecido mesmo do social, deve ficar claro que elas se prestam a diversos fins, tanto positivos como negativos: interações sociais podem ser fontes de informações verdadeiras ou preconceituosas, de independência ou de dominação, de alienação ou de tomada de consciência. Na verdade, trata-se de uma impossibilidade lógica afirmar que as interações sociais possuem sempre um valor formativo: a atividade partilhada — que se constitui na própria interação social — acaba por adquirir diferentes significados, a depender da forma como se desenvolve a história individual de cada parceiro no seio da estrutura social. Em outras palavras, a interação social só pode ser compreendida no campo das relações que se estabelecem entre indivíduos reais e concretos, numa determinada sociedade.

O trabalho docente perpassa por inúmeras interações sociais como assinala Mead (1934). Estas interações representam fontes de independência, alienações e especialmente tomada de consciência. Cabe salientar que o trabalho dos profissionais da educação necessitou da privação das relações face a face, indispensáveis às estruturas sociais dos indivíduos.

Alguns pressupostos gerais nortearam a análise, como o esforço de vigilância epistemológica e objetivação participante. Além disso, privilegiou-se uma abordagem relacional, afastando-se de esquemas dicotômicos no tratamento de temáticas sociais.

A abordagem do problema é de ordem quanti-qualitativa, com propósito de observar o fenômeno a partir de experiências relatadas pelos sujeitos estudados, em que a busca dos significados e sentidos contidos nas ações sociais se dá por meio de pesquisa de campo com observação *in loco* e entrevistas de caráter semiestruturado com professores(as) e estudantes da Escola SESI São Luís - Anexo. Estas técnicas possibilitam que o pesquisador observe, converse com os(as) professores(as) e os jovens, compare e intérprete as diversas situações e respostas. Segundo Goldenberg (2004, p. 49):

[...] partindo do princípio de que o ato de compreender está ligado ao universo existencial humano, as abordagens qualitativas não se preocupam em fixar leis para se produzir generalizações. Os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social.

Assim, a possibilidade de assimilar os fenômenos estudados e seus significados num determinado contexto, através da descrição qualitativa deles, contribui para melhor compreensão do problema para além de análises pautadas em expressões numéricas generalizantes, atentando para alguns obstáculos e armadilhas que possivelmente surgem durante a pesquisa.

Partirmos de uma análise bibliográfica, voltada à produção científica já existente, logo se consultou uma extensa base de dados, presente em livros, artigos, dissertações e teses, o que possibilitou uma compreensão do objeto em estudo. Em seguida fizemos uma análise documental por meio de documentos oficiais como: Resolução CNE/CP nº 2, de 5 de agosto de 2021, Resolução CNE/CP nº 2, de 10 de dezembro de 2020, Parecer CNE/CP nº 5/2020 e Fundação Oswaldo Cruz (2022). Estes documentos afirmaram as diversas etapas da evolução da Covid-19 no Brasil e as diferentes ações adotadas para conter o vírus.

Os principais instrumentos de coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas e questionários. Realizaram-se 24 entrevistas durante o mês junho de 2023, sendo 10 com professores e 14 com alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola SESI São Luís - Anexo. Procurou-se conduzir as entrevistas de forma aberta, de modo que, seguidamente nos valessemos das respostas e justificativas para formular outras questões.

No exercício da pesquisa, o pesquisador reflete e questiona sobre a natureza epistêmica dos seus atos cognitivos, principalmente sobre a prática do olhar e do ouvir, ações necessárias para constituição de conhecimento na observação participante que consiste em “olhar de dentro” as vivências do outro. Segundo Oliveira (2006, p.19), para observar é preciso domesticar teoricamente o olhar, instrumentalizar as teorias aprendidas ao longo da própria formação. Assim, ao sensibilizar o olhar teoricamente, há possibilidade de construção prévia de um esboço de ideias, extraídas de leituras teóricas sobre o tema, e não somente das pré-noções já existentes sobre as pesquisas e os pesquisados.

Portanto, estratégias para evitar os obstáculos e armadilhas no campo podem ser adotadas através do exercício de distanciamento, estranhamento, desambientação e relativização que, segundo Velho (1980), são mecanismos necessários para que a interpretação do pesquisador não se comprometa por seus hábitos e rotinas, principalmente ao observar o

familiar, aquilo que vemos e encontramos cotidianamente como “mapas” estereotipados e solidificados em nós.

O trabalho, além desta introdução e das considerações finais, estrutura-se em três capítulos. O primeiro deles, discute-se os procedimentos metodológicos e trazemos uma rápida discussão sobre a Peste Negra, considerada a primeira das pandemias. Além disso, discutimos os cenários mundiais e nacionais da Covid-19 a fim de compreendermos a dimensão da crise sanitária iniciada no final de 2019.

O segundo capítulo discute-se o trabalho docente e seus desdobramentos durante o período pandêmico, especialmente as estratégias adotadas pelos docentes para ministrar suas aulas. Além disso, problematiza-se as ações adotadas pela REDE SESI de Educação do Maranhão durante a pandemia trazendo para este trabalho os discursos que a escola promoveu e como eles foram recebidos pelos professores, por fim inferimos as repercussões da pandemia na saúde mental dos docentes.

No terceiro capítulo se analisam as implicações e ressignificações do trabalho docente durante este cenário a partir dos discursos de 24 entrevistados, sendo 14 alunos e 10 professores, essas entrevistas nos ajudam a pensar a escola, o trabalho docente e o ensino remoto. Por fim construímos hipóteses para o novo espaço escolar, aqui chamado de espaço escolar pós-pandêmico, a partir das percepções de Santos (2021) e os diálogos com professores e alunos.

1 A PANDEMIA DA COVID-19: UM CENÁRIO DE DISPUTAS

A finalidade desta pesquisa é a ressignificação do trabalho docente, com seguidas análises das relações sociais professor-aluno na Escola SESI São Luís - Anexo. Os pressupostos metodológicos e epistemológicos e os dos perfis dos respondentes evidenciaram a necessidade de delimitar o objeto de estudo.

O trabalho docente exercido durante o ano de 2021 sofreu inúmeras transformações, entre elas, a mudança da sala de aula presencial por uma sala de aula digital, esse deslocamento de espaço (Frehse, 2022) trouxe múltiplas alterações que serão discutidas no Capítulo 2.

O ano de 2021 percorreu diversas transformações educacionais na Escola SESI São Luís - Anexo, essas mudanças engendraram múltiplas alterações. Cabe então trazermos uma contextualização histórica de algumas epidemias mundiais – peste negra, varíola e *influenza* – a fim de traçarmos um cenário das disputas políticas que mudaram a humanidade e em seguida analisarmos especificamente a Covid-19 que adentrou a sala de aula e revolucionou os diferentes agentes educacionais (professores e alunos).

Santos (2021) traz uma análise minuciosa sobre aprendizados acerca da pandemia da Covid-19, no entanto, o que ele convencionou chamar de pedagogia do vírus, ou seja, os ensinamentos trazidos por esta doença, são resultado de um processo histórico de disputas políticas entre países do norte global sobre os países do sul global e que por diversas vezes as pestes foram utilizadas como instrumentos de manutenção do poderio do Norte sobre o Sul.

Santos (2021) nos coloca uma pergunta: “de onde viemos?”. Prossegue o autor que as epidemias são uma parte constituinte da história, ou seja, é impossível relatar a história das sociedades, sem mencionar as pestes que assolaram os indivíduos. Essas enfermidades estavam principalmente associadas a populações que viviam em moradias fixas, em vilas ou cidades. O modo como esses agregados populacionais usam as suas fontes de água fez com que esta se transforme num elemento potencialmente transmissor de várias doenças.

Nosso propósito é discutir rapidamente as grandes epidemias do passado. Essas epidemias ensinaram a necessidade da quarentena e mostraram as origens das guerras biológicas e nesse sentido, o resgate dessa história pode ajudar a lidar com as crises epidêmicas contemporâneas, especialmente na prevenção de doenças futuras.

A seção está estruturada em torno de dois momentos. Inicialmente um panorama de uma das principais epidemias mundiais – peste negra – e seus desdobramentos, seus usos políticos, as medidas de contenção e o desenvolvimento de novas variantes. Em um segundo momento, o texto se detém sobre o cenário nacional da Covid-19, sua chegada, os primeiros casos, ações

governamentais e as medidas adotadas pelo Estado por meio de normas e decretos na Educação Básica no Brasil sobre o cenário pandêmico, logo se pretendeu construir à medida que se evidenciou o avanço da pandemia o crescimento também dos investimentos e planos de ações para mitigar a defasagem educacional.

1.1 Peste negra: o carrasco da Idade Média

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a pandemia como “[...] uma epidemia que ocorre em todo o mundo ou em uma área muito ampla, cruzando fronteiras internacionais e geralmente afetando um grande número de pessoas” (2021). Enquanto uma doença epidêmica é aquela que “[...] afeta muitas pessoas ao mesmo tempo e se espalha de pessoa para pessoa em um local onde a doença prevalece temporariamente” (Organização Mundial da Saúde, 2021). Do grego, pandemia significa todo o povo, mas sua característica como doença de nível global provocada por vírus ou bactéria é recente, pois pouco os conhecemos.

Uma das primeiras epidemias documentadas é a *Praga de Justiniano*, esta peste bubônica ocorreu no século VI e matou cerca de 20 milhões de pessoas, sobretudo a região mediterrânea. Peste Negra foi o nome pelo qual ficou conhecida a epidemia que marcou a Europa no século XIV – se acredita que foi causada pelo mesmo patógeno³. Essa epidemia é considerada um dos maiores desastres de saúde pública. O surto, com origem na Ásia possivelmente na década de 1330, teve terríveis efeitos: estima-se que no total morreram entre 75 milhões e 200 milhões de pessoas na Europa e na Ásia.

O impacto desta pandemia, que atingiu Túnis em 1348-1349, é contado por Santos (2021, p. 49). Escreve o sociólogo, que foi como se a civilização tivesse sido engolida e o mundo mudado completamente. Outro escritor que notabilizou a peste negra foi Giovanni Boccaccio (1313-1375), cujo pai e madrasta também morreram na peste, escreveu durante este período o *Decameron* (1448-1452). Na introdução aos dez contos do livro produzidos durante a quarentena nos arredores de Florença, Boccaccio (2013, p. 17) fala do impacto da epidemia:

[...] digo, pois, que os anos da frutífera encarnação do Filho de Deus já haviam chegado ao número 1348, na insigne cidade de Florença, a mais bela de todas as da Itália, ocorreu uma peste mortífera, que - fosse ela fruto da acção dos corpos celestes, fosse ela enviada aos mortais pela justa ira de Deus para correcção de nossas obras iníquas - começara alguns anos antes no lado oriental, ceifando a vida de incontável

³ A peste é causada pela bactéria *Yersinia pestis*. Como muitas doenças, a praga é uma zoonose: os seres humanos são contaminados a partir de animais. No caso da peste, que perdura até hoje, esta tem um reservatório natural entre roedores selvagens, sendo o vetor de transmissão a pulga.

número de pessoas, e, sem se deter, continuou avançando de um lugar a outro até se estender desgraçadamente em direcção ao ocidente.

A Peste Negra trouxe a estigmatização de vários grupos minoritários, como judeus, frades, estrangeiros, mendigos, peregrinos, leprosos e ciganos, em Roma, acusados de propagar a epidemia (Santos, 2021). Territórios que hoje são a França, Espanha e Portugal ocorreram episódios de violência contra membros desses grupos, incluindo perseguições e morte. Esses episódios foram responsáveis por construir limites da convivência para as minorias, se observa a discriminação correlacionada à erupção de epidemias. A Figura 1 ilustra a realidade do enfrentamento da Peste Negra, uma ação epidemiológica recomendada pelas autoridades locais.

Figura 1 – Médico com máscara anti peste negra



Fonte: Wikimedia Commons (2020).

Perante essas discussões acima, cabe trazermos as especificidades do cenário pandêmico mundial e brasileiro, o presente debate não busca estritamente construir uma linha de estudo epidemiológica do vírus, mas apresentar documentos oficiais (decretos, leis, pareceres, relatórios) que sirvam de subsídios para discussões das implicações do vírus sobre a economia, trabalho e educação.

1.2 Pandemia da Covid-19: cenário mundial

Wuhan, Centro-Sul da China, 31 de dezembro de 2019. Autoridades sanitárias chinesas anunciaram o primeiro caso de uma nova síndrome respiratória viral aguda. Novos casos surgiram, alguns muito graves, seguidos de óbitos, principalmente entre idosos e pessoas que apresentavam comorbidades. O surto epidêmico rapidamente se espalhou na província de Hubei. Um novo coronavírus, batizado de Sars-CoV-2, foi detectado; a síndrome foi então reconhecida com uma nova doença e ganhou o nome de Covid-19. Essa epidemia rapidamente correu o mundo, até que, em março de 2020, a OMS oficialmente reconheceu-a com pandemia. O impacto econômico e social da pandemia foi (e tem sido) catastrófico: empresas e empregos desapareceram como resultado das medidas de controle dessa doença grave, para a qual não existe ainda vacina nem tratamento específico (Almeida Filho, 2020).

A OMS observando os crescentes casos decretou em 30 de janeiro de 2020 estado de pandemia e orienta que todos os países deveriam fazer planos de contingência. Em 11 de fevereiro de 2020, estabeleceu a nomenclatura oficial, quando o vírus foi denominado coronavírus-2 da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2) e a doença infecciosa da Covid-19.

A velocidade de contaminação e da gravidade era tão grande, no mundo, que em 31 de março de 2020 existiam 760.040 casos e 40.842 mortes, havendo um aumento após seis meses, em 27 de setembro de 2020, para 32.925.668 de casos confirmados e 995.352 mortes. Essa rápida circulação alterou o epicentro várias vezes, inicialmente era a China, depois Itália, Espanha e Reino Unido.

O Brasil, em 28 de setembro de 2020, atingiu 4.745.464 casos e 142.058 mortes, atrás apenas dos EUA. Em junho de 2020, o Banco Mundial publicou um documento intitulado *Global economic prospect* (World Bank, 2020), no qual anunciou os alarmantes impactos econômicos e sociais da pandemia. Avaliou o documento que a Covid-19 produziria a quarta mais profunda recessão desde 1870 (período em que a economia mundial passou por 14 recessões globais). Essa teria sido a primeira recessão global desencadeada exclusivamente por uma pandemia e pelas medidas tomadas para contê-la (Oliveira; Silva, 2021). O presente documento afirmou que a recessão global em 2020 deveria ser da ordem de 5,2%.

Em outubro de 2020, a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), no documento “*Estudio económico de América Latina y el Caribe: principales condicionantes de las políticas fiscal y monetaria en la era pospandemia de Covid-19*”, também projetou que a crise sanitária gerada pela pandemia de Covid-19 produziria a pior contração econômica e social das últimas décadas na região. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) em março de 2020, publicou o “*ILO Monitor: Covid-19 and the world of work*”. Na edição de 25 de janeiro de 2021 (International Labour Organization, 2021). Constata-se que, em 2020, os mercados de

trabalho em todo o mundo foram impactados em uma escala sem precedentes. O referido documento chama a atenção para o fato de que as perdas de empregos, traduziram-se não principalmente em desempregos, mas no aumento da inatividade. Esta representou 71% das perdas globais de emprego, atingindo 81 milhões de pessoas. No que se refere à renda, a perda teria sido da ordem de 8,3%, o equivalente a US\$3,7 trilhões ou 4,4% do Produto Interno Bruto (PIB) global. As maiores perdas ocorreram nas Américas (10,3%).

Os presentes dados revelaram uma situação alarmante e calamitosa, além disso, se mostra que a globalização e urbanização têm mudado a forma que as pessoas vivem e interagem com outras espécies. No século 21, os avanços nas comunicações e transporte, a alta densidade populacional, a disponibilidade de residências muito pequenas para muitas famílias, os transportes, centros comerciais e locais de trabalho com grandes aglomerações, os grandes eventos culturais, esportivos e políticos, as praias e outros espaços públicos cheios, a degradação ambiental e o contato com animais selvagens contribuem para a disseminação rápida de doenças (Chin *et al.*, 2020).

Diante deste cenário caótico as pessoas que estavam reféns em suas residências se viram obrigadas a lidar com problemas pessoais que antes evitavam, a crise da convivência se assolou nas famílias e perante a situação preocupante com o número cada vez maior de mortes a saúde mental se tornou objeto de constante análise e debates. Quais foram os principais medos? Houve uma pandemia do medo?

Tais condições podem evoluir para transtornos, sejam depressivos, ansiedade (incluindo ataques de pânico e estresse pós-traumático), psicóticos ou paranoides, e podem até levar ao suicídio. Essas manifestações podem ser especialmente prevalentes em pacientes em quarentena, cujo sofrimento psicológico tende a ser maior. Em alguns casos, a incerteza sobre infecção e morte ou sobre infectar familiares e amigos pode potencializar estados mentais disfóricos (Ornell *et al.*, 2020).

1.3 Pandemia da Covid-19: cenário nacional

Em fevereiro de 2020, um brasileiro de 61 anos, residente em São Paulo, retornava ao Brasil após viagem de turismo à Itália. Ele nem sequer imaginava que se tornaria notícia nacional pouco tempo depois. Esse turista ficaria conhecido como o primeiro caso da Covid-19 no país. Com problemas respiratórios, o homem foi internado na capital paulista e submetido a exames que confirmaram o novo vírus, que começava a tomar o mundo de assalto. O paciente recuperou-se e a primeira morte somente ocorreria em 12 de março, sendo a vítima uma mulher de 57 anos (Gumiero, 2022).

No dia 24 de março, o Brasil registrava pouco mais de 1,9 mil casos de Covid-19, com 47 mortes. Apenas 100 dias após a primeira morte ter sido registrada no país, chegavam-se a inimagináveis 50 mil mortes, em junho de 2020 (Gumiero, 2022).

Trata-se, pois, de um completo desastre global e um dos maiores eventos históricos dos últimos cem anos, que atinge todos os setores. O mais preocupante é que nenhuma vacina ou algum tratamento medicamentoso específico possuía total eficácia, deixando todos a mercê do destino, além disso logo na segunda fase os níveis de contágio atingiram escalas altíssimas e grau elevado de letalidade. Com isso, as estratégias de prevenção e controle estavam concentradas, principalmente, no resgate de medidas tradicionais e seculares da saúde pública como: quarentena, barreiras sanitárias, isolamento/confinamento e distanciamento social, somadas às medidas higiênicas, dentre outras (Freitas; Pena, 2020). Importante destacarmos que o Brasil é um país com precárias condições de vida, já presentes antes da pandemia, com o avanço do contágio e da letalidade, o desemprego e a fome nos centros urbanos se aprofundam na sociedade e a solução encontrada foi a economia informal com o pequeno comércio de alimentos e outros objetos de uso cotidiano.

O imenso comércio da economia informal nas ruas dos grandes centros urbanos do país se assemelha a uma grande feira com a circulação de mercadorias de baixo custo que se espalham e se concentram nos bairros mais pobres, afirmam Freitas e Pena (2020). São essas pessoas fragilizadas e em situações de risco de fome, sem remuneração permanente, subempregados, pequenos agricultores, grupos étnicos empobrecidos (quilombolas, indígenas) que deveriam estar recebendo maiores e melhores auxílios, tais como: bolsa família, alimentação alimentar, uma vez que são essas pessoas que se aglomeram nas filas dos bancos.

No entanto, condicionados pela vulnerabilidade econômica estrutural do país, cerca de milhões de brasileiros buscaram uma parcela referente à metade do salário-mínimo nacional para comprar suprimentos e sobreviver à fome e à quarentena. Se aglomeram em filas, sem poder respeitar o distanciamento social. Freitas e Pena (2020) afirmam que as pessoas ficam confusas, pois outras autoridades governamentais discursam a favor da quebra de isolamento social e concentram os benefícios emergenciais aglutinando pessoas, como se esse recurso fosse um favor à população carente e não um direito social. O presente relato fica evidente na Figura 2, abaixo:

Figura 2 – Coronavírus: pessoas usando máscaras de proteção formam enorme fila em frente à agência da Caixa, em Recife, para tentar resgatar o auxílio emergencial.



Fonte: Campos (2020).

Para Freitas e Pena (2020, p. 38), em maio de 2020, com mais de 12 mil mortes por Covid-19, no país, autoridades do governo federal, insistentemente discursam contra a quarentena e o distanciamento social, suscitando à população o retorno ao trabalho. As pessoas no emaranhado de informações parecem perdidas e muitas se deixam convencer por essa concepção negacionista, logo o caos implantado por diferentes informações somente contribuíram para o aumento do sentimento de medo.

Há uma ruptura do cuidado para evitar o contágio dessa população tão vulnerável à fome e ao Covid-19, situação que contraria os direitos humanos. Há aglomerações nas filas do benefício emergencial onde o vírus pode se difundir, se configura um ciclo perverso de fome e pandemia que se caracteriza como uma das modalidades da indiferença política que marca este fenômeno no Brasil (Freitas; Pena, 2020).

O cenário pandêmico nacional percorreu diversas fases, estas etapas anunciaram a evolução do vírus, mas principalmente as ações governamentais presentes ou ausentes naquele momento, cada fase traz uma reflexão capaz de interrogarmos os métodos de contenção do novo coronavírus. Essas informações nos ajudam a rastrear o caminho das desigualdades sociais brasileiras que se aprofundaram durante dois anos e deixarão marcas para a posteridade. Para melhor operacionalização os recortes temporais estão divididos por temáticas que agrupam os eventos pandemias nacionais em associação com as medidas do governo federal na educação, assim, se pretende observar as fases também que a educação brasileira vivenciou durante este período.

2 TRABALHO DOCENTE: os impasses durante a pandemia

O trabalho sempre ocupou uma posição de destaque na Sociologia, diversos teóricos se debruçaram a fim de analisar as múltiplas relações e representações do trabalho nas sociedades. Este capítulo se inicia discutindo a concepção de trabalho e suas variações epistemológicas. Essas discussões preliminares são importantes à medida que o cerne dessa dissertação é a ressignificação do trabalho docente durante o período pandêmico.

O trabalho passa a ser uma das principais categorias da reflexão sociológica, e é profundamente estudado pelos clássicos Marx (1975), Durkheim (1960) e Weber (1992). Como diz Offe (1989, p.13-14),

[...] resumidamente, o propósito genérico da construção teórica na sociologia é o da formulação dos princípios gerais que moldam a estrutura da sociedade, programam sua interação ou seus conflitos, comandam o sentido do seu desenvolvimento e conduzem a auto-imagem do seu presente e do seu futuro. Observando as respostas a tais indagações quanto aos princípios de organização das estruturas e dinâmicas sociais, elaboradas no período entre o fim do século XVIII e o término da 1ª guerra mundial, não será difícil concluir que **o trabalho assume uma posição estratégica nesses projetos da teoria social**. O modelo de uma sociedade burguesa voltada para a atividade econômica, dedicada ao trabalho, impulsionada por sua racionalidade e abalada pelos conflitos trabalhistas, é o centro das pesquisas de Marx, Weber e Durkheim – configurando uma clara identidade, apesar das divergências na abordagem metodológica e nos resultados teóricos. [...] a esfera do trabalho mediatizado pelo mercado foi por um lado – na interpretação de Weber – teologicamente sancionada e etificada ou – segundo Marx – elevada ao nível profético absoluto, na sequência de um “atavismo à valorização”, auto-induzido pelo modo capitalista de produção; um processo em cujo reflexo, secularizado e imanente, apenas Durkheim buscou demonstrar o surgimento de uma solidariedade orgânica em um ordenamento corporativo da sociedade burguesa.

Os referidos autores, ainda que tenham metodologias e termos distintos, estão, no fundo, refletindo sobre as consequências da modernidade, entre elas a valorização desse trabalho organizado coletivamente, exercido dentro de um mercado de forma normativa e racional, que traz junto de si um grande paradoxo: se o trabalho é, por um lado, integrador e fonte de riqueza, ele assume, ao mesmo tempo, formas degradantes de desenvolvimento (Tartuce, 2002).

Tartuce (2002) afirma que é em Marx que a negatividade do trabalho sob o modo de produção capitalista aparece de forma mais enfática, uma vez que a sua fragmentação se torna sinônimo de degradação. Ao mesmo tempo, a análise que Weber faz da valorização do trabalho como produto das mentalidades mostra que o trabalho como um dever moral, como um fim em si mesmo, transforma-se justamente no trabalho fragmentado (criticado por Marx) inserido em um sistema burocratizado sob o qual o indivíduo tem que viver: “[...] a ênfase do significado ascético de uma vocação fixa propiciou uma justificação ética para a moderna divisão do

trabalho” (Weber, 1992, p. 117). Apenas Durkheim via a dependência e a divisão do trabalho não como fatores de dominação, mas, antes, como promotores de solidariedade e de desenvolvimento individual.

Os estudos acerca das relações de trabalho como um fato sociológico são fundamentais e construíram a sociedade moderna e sua dinâmica central como uma “sociedade do trabalho”, uma sociedade direcionada às relações do homem com a natureza.

Uma vez que nos detemos sobre o trabalho, destacamos todo um conjunto de estudos que se construíram sobre essa categoria. A sociologia do trabalho (Riutort, 2008, p. 499) obteve sucesso primeiro nos EUA e depois na França, crítica ao modelo produtivo taylor-fordista. Os estudos sociológicos norte-americanos sobre o trabalho, a partir dos anos 1930, dão lugar a uma corrente de pesquisa próxima da psicologia, a referida escola de relações humanas, animada por Elton Mayo (1880-1949), professor em Harvard.

O professor Elton Mayo (1880-1949) conduziu um programa de pesquisa, entre 1927 e 1932, intitulada “pesquisa Hawthorne”, o nome seria uma homenagem ao ateliê estudado de uma empresa de eletricidade fabricante principalmente de cabos e caixas para telefones. Mayo destacou na pesquisa, algo antes bastante negligenciado, que seria o fator humano que, por sua vez, é medido pela satisfação experienciada pelos indivíduos na realização de sua atividade.

Graças a essa pesquisa, se passou a observar a organização industrial não somente como um *sistema técnico* combinando fatores de produção com o objetivo de obter um resultado (Riutort, 2008), mas passa a considerar o espaço do trabalho como um *sistema social* que coloca em relação indivíduos que cooperam (ou não) entre si. Por essa corrente norte-americana da sociologia do trabalho foi possível mostrar as ligações entre o aumento de rendimento e o interesse que o trabalhador experimenta ao efetuar sua tarefa (Riutort, 2008).

A sociologia do trabalho alcança a França, após a Segunda Guerra mundial, sob a condução de Georges Friedmann (1902-1977) e de Pierre Naville (1904-1993). A sociologia na França se volta para a distinção já anunciada por Mayo entre sistema social e sistema técnico. Na concepção francesa, a visão sobre o trabalho é crítica em relação a uma certa divisão do trabalho. A argumentação de Friedmann (1968) é que há uma progressiva desqualificação dos operários, que paulatinamente perdem o controle de um ofício, para exercer apenas uma tarefa repetitiva, ou seja, se incorre diretamente para um sério maquinismo, logo houve uma preocupação sobre as condições de trabalho dos operários e uma investigação sobre os efeitos produzidos pelo progresso técnico.

[...] a sociologia construiu-se, na França, como ciência desejosa de mostrar o movimento da realidade social e de agir sobre ele. A construção de uma sociologia

empírica, concebida segundo o modelo das ciências da natureza, pareceu o estilo mais adequado aos problemas provocados pelas reformas empreendidas no pós-guerra e, depois, pela planificação, que definia a modernização da França nos anos de 1960-1970. Compreender e explicar a evolução social foi a ambição que orientou os trabalhos da geração dos autores que chegaram à sociologia no início dos anos de 1950. Foram eles os últimos a fornecer teorias globais, invocando a sociologia empírica como modelo a alcançar (Tanguy, 2017, p. 261).

A sociologia do trabalho francesa foi parte importante do projeto de “modernização” durante os Trinta Gloriosos e que, por meio do *Institut des Sciences Sociales du Travail* (ISST), contou com fortes aportes financeiros do Ministério do Trabalho e do Plano Marshall (Tanguy, 2017) O objetivo maior do governo francês era reformar as relações de trabalho, tornando-as menos conflituosas por meio de uma cooperação entre diretores de empresas e organizações sindicais.

Tanguy (2017) afirma que as primeiras pesquisas trataram das questões provenientes das atitudes dos operários diante das mudanças técnicas e do modo como elas incidiam na organização do trabalho e nas formas de remuneração. Elas eram efetuadas em grande escala e de forma comparativa (em seis países europeus) no universo industrial. Em geral, os pesquisadores tinham uma sala de trabalho reservada no local pesquisado. O roteiro de pesquisa começava, invariavelmente, por observações sobre o local de trabalho e sobre as oficinas (ou escritórios) e com entrevistas não diretivas que forneciam elementos para a formulação de questionários aplicados a um universo maior de indivíduos.

Essas duas correntes foram importantes na elaboração da sociologia do trabalho. Ademais sobre a esteira desses teóricos Offe (1989) afirmava que para o marxismo clássico, sistemas e relações sociais, políticas e culturais são produtos (não obstante a disposição teórica para levar em consideração os “efeitos recíprocos”) e, em última instância, apêndices dependentes da produção material e suas duas faces – os processos de “produção” e de “valorização.”

Há dois mecanismos principais que podem assegurar que o trabalho desempenhe um papel principal na organização de uma existência pessoal (Offe, 1989): a) no nível da integração social, o trabalho pode ser normativamente sancionado como um dever; ou b) no nível da integração sistêmica, pode ser colocado como uma **necessidade**.

No primeiro caso, o trabalho é o ponto fundamental de uma vida correta e moralmente boa; no segundo, é a simples condição da sobrevivência física. Durante as entrevistas se pode observar que a percepção de trabalho dos entrevistados oscilava entre esses dois casos. Marx (1975, p. 326) afirma que a utilização da força de trabalho é o próprio trabalho. O comprador da força de trabalho a consome fazendo com que seu vendedor trabalhe. Adiante Marx (1975,

p. 326) define trabalho, enquanto um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza.

Considerando o pensamento marxiano acerca do trabalho, se pode desprender que o trabalho docente age sobre a realidade escolar a fim de transformá-la para atender as exigências do capitalismo. Podemos dialogar com Marx (1975) e Clot (2007)⁴ uma vez que ambos em teoria concordam que a atividade laboral exige vontade orientada a um fim. Dessa forma, todas as ações pedagógicas docentes à medida que são planejadas visam atender a diversas expectativas, por exemplo, enquanto espaço escolar, e em especial o SESI, o objetivo é fornecer mão de obra qualificada para as indústrias, uma vez que, se busca auxiliar a mão de obra das fábricas.

Clot (2007, p. 12) ressalta a singularidade do trabalho, ou seja, não se pode ter o trabalho como qualquer atividade. O autor concede essa relevância, uma vez que, o trabalho exerce na vida pessoal uma função psicológica específica que se chega a definir. O temor acometido a todos os professores se justifica, pois o trabalho ocupa função principal na vida, logo impacta a saúde física e mental.

Outro autor que corrobora para a análise das ressignificações do trabalho docente é o Antunes e Pinto (2017) que fazem críticas ao pensamento taylorista-fordista pois colocaram a educação num horizonte pragmático da especialização, ou seja, uma educação tecnicista voltada para o desmembramento entre conceito, teoria e reflexão (o trabalho intelectual), de um lado, e prática, aplicação e experimentação (trabalho manual), de outro.

O trabalho docente exercido durante a pandemia, em especial, em 2021, exigiu dos professores uma “ginástica mental” a fim de elaborarem atividades atrativas para evitar as evasões escolares. O uso das plataformas digitais e outras ferramentas seriam a solução para o fim do pensamento taylorista-fordista na educação? O simples acesso aos aplicativos educacionais seria o suficiente para libertar os alunos da crítica marxiana a uma educação encaixotada que visa unicamente atender os desejos dos capitalistas?

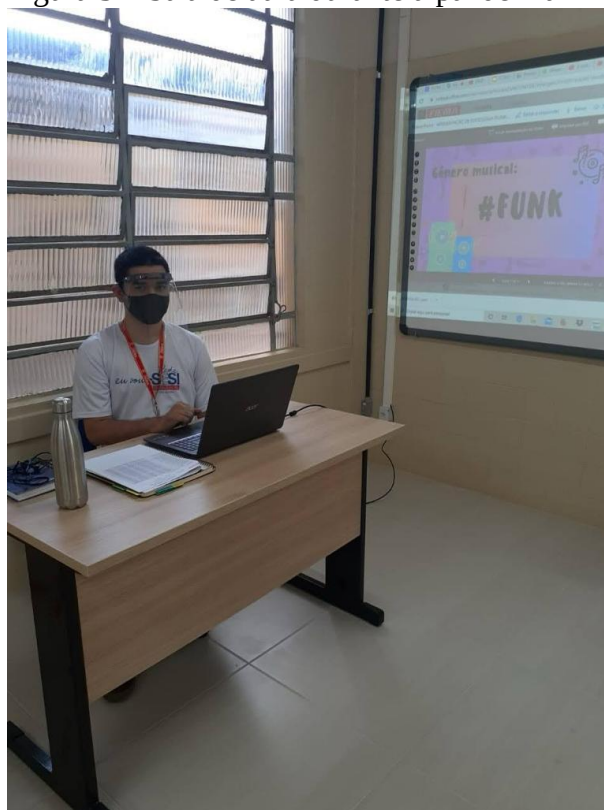
Sobre esses questionamentos iremos nos debruçar nos apontamentos seguintes, a fim de compreender as atitudes realizadas no ensino remoto durante a pandemia e formular análises acerca da docência e os seus desdobramentos, especialmente sobre a saúde mental.

⁴ O psicólogo do trabalho Yves Clot contribui para esta pesquisa através do seu livro *A função Psicológica do Trabalho* (2007) a medida que ele se dedica a traçar as subjetividades da atividade laboral ressaltando a interação do homem consigo e com o trabalho.

2.1 Pandemia e sala de aula

Nos últimos três anos, produziu-se bastante acerca do cenário escolar durante a pandemia.⁵ Podemos observar inúmeras discussões que foram se construindo ao longo dos anos recentes (2020-2023). O distanciamento social em decorrência da pandemia comprometeu umas das rotinas mais importantes desde o século XIX: a vida escolar de milhões de crianças e jovens em todo o mundo.

Figura 3 – Sala de aula durante a pandemia



Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com o Banco Mundial (*apud* Oliveira; Silva, 2021), em pouco mais de três semanas, cerca de 1,4 bilhão de estudantes ficaram fora da escola em mais de 156 países. Uma situação alarmante assolou a educação, se iniciou uma busca por soluções, no entanto, constatou-se que nenhum sistema educativo estava preparado para enfrentar a excepcionalidade dessa pandemia.

O relatório do Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância (*apud* Oliveira; Silva, 2021) discute as repercussões da pandemia na educação brasileira. Em

⁵ Dentre outros autores que trabalharam a temática, destacamos os trabalhos de Cury (2020), Santos (2020), Kohan (2020) e Vieira e Silva (2020).

novembro de 2020, mais de 5 milhões de meninas e meninos de 6 a 17 anos não tinham acesso à educação no Brasil e se pode afirmar que por causa da Covid-19 o Brasil corria o risco de regredir mais de duas décadas no acesso à educação.

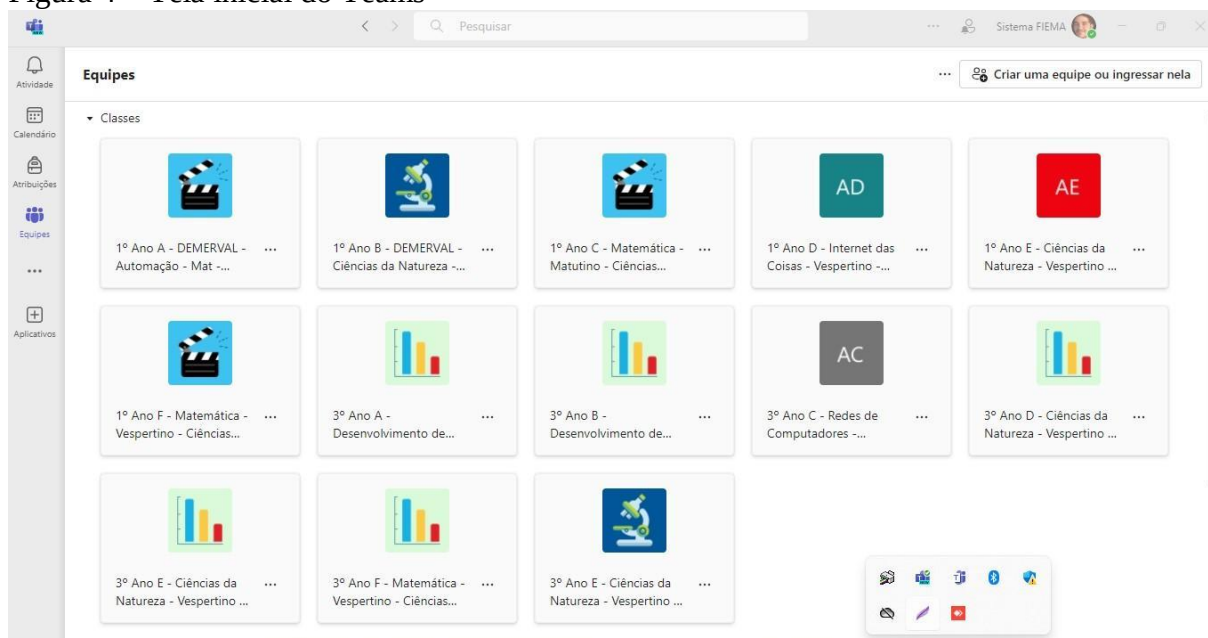
A pandemia da Covid-19 prosseguiu colocando em pausa a educação mundial de mais de 137 milhões de crianças. Essa configuração considera que os impactos da Covid-19 na educação são devastadores na maioria dos países. Os sistemas escolares foram obrigados a interromper as aulas presenciais e, desde então, gestores e profissionais da educação para realizar as atividades de ensino de forma remota.

Infelizmente a migração para o ambiente virtual foi abrupta, o ensino se transferiu para plataformas educacionais. No caso da Escola SESI São Luís - Anexo, a plataforma virtual adotada foi o *TEAMS*⁶, através de uma compra do *Office 365* a fim de facilitar as ações da REDE SESI Educação.

O *TEAMS* representava a escola no ambiente virtual, as salas físicas, agora eram pequenos quadrados com a numeração da sala. Os avisos da coordenação eram ditos pelo mural digital e a agenda com todas as atividades eram colocadas em cada sala de aula virtual. Abaixo, na Figura 4, temos o *layout* do *TEAMS*, apesar de não representar as salas de 2021, mas essa imagem se aproxima daquele período, a única diferença são o número de turmas, naquele ano eu possuía 13 (treze) salas e em 2024 possuo 12 (doze).

⁶ O *Teams* como costumeiramente conhecido, é uma evolução da plataforma *Skype Empresas*, sendo um recurso que agrega um espaço de trabalho baseado num *chat* que integra pessoas, conteúdos e ferramentas que uma equipe precisa para melhorar o envolvimento nas tarefas (Chavez, 2019). Jared Spataro, vice-presidente corporativo para *Microsoft 365* afirmou em 2 de janeiro de 2020 que em decorrência da Covid-19 a *Microsoft* oferecerá gratuitamente o *Teams* para organizações e escolas de todo o mundo. Depois desse anúncio, a partir de 31 de janeiro de 2020 a empresa registrou um aumento de 500% nas reuniões, chamadas e conferências pelo *Teams*, além de um aumento de 200% no uso do *Teams* em dispositivos móveis.

Figura 4 – Tela inicial do Teams



Fonte: Elaborado pelo autor.

A migração para o virtual, em muitos casos, ocorreu sem o suporte técnico necessário e, obviamente, sem planejamento prévio. Quando fomos informados pela gestão escolar que passaríamos a usar uma plataforma virtual (*Microsoft Teams*) para lecionar ficamos amedrontados, pois para a maioria era algo novo e tínhamos receio de não conseguirmos operar com qualidade a plataforma, a inexperiência dos docentes somente revelou que estávamos diante de uma transposição do trabalho para o ambiente virtual, sem as mediações e adaptações necessárias.

O cenário pandêmico (2021) vivenciado nas salas de aula obrigou os professores a uma adaptação forçada às ferramentas virtuais. O MEC através da Resolução CNE/CP nº 2, de 10 de dezembro de 2020, apontou o caminho para aquela realidade: “[...] em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação” (Brasil, 2020b).

O ineditismo desse contexto colocou em evidência as já conhecidas desigualdades sociais e educacionais que a região latino-americana enfrenta, revelando uma situação complexa e desafiadora: a falta de acesso e suporte tecnológico dos profissionais e dos estudantes, professores inexperientes e sem capacitação prévia para o uso de tecnologias para a realização do trabalho remoto e a situação vulnerável de muitas famílias de estudantes que, além de não conseguirem oferecer um ambiente minimamente adequado para estudo, dependem da escola para alimentar seus filhos (Oliveira; Pereira Junior; Clementino, 2021). Oliveira, Pereira Junior e Clementino (2021, p. 9) nos revelam a preocupação dos professores

em continuarem com seu trabalho, apesar de não saberem como seguir diante aquele cenário pandêmico.

Diante deste cenário cabe ressignificarmos a própria ideia de docência. Afinal, durante a pandemia as representações sociais sobre ensinar, aprender, sala de aula, escola todas foram transformadas.

2.2 Docência: um ato de resistência

Para a presente pesquisa acerca de ser professor na pandemia, entende-se o papel docente conforme posto na Resolução CNE/CP nº 2/2015, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em Nível Superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada, em seu artigo 2º do Capítulo 1:

§ 1º Compreende-se a docência como ação educativa e como processo pedagógico intencional e metódico, envolvendo conhecimentos específicos, interdisciplinares e pedagógicos, conceitos, princípios e objetivos da formação que se desenvolvem na construção e apropriação dos valores éticos, linguísticos, estéticos e políticos do conhecimento inerentes à sólida formação científica e cultural do ensinar/aprender, à socialização e construção de conhecimentos e sua inovação, em diálogo constante entre diferentes visões de mundo.

§ 2º No exercício da docência, a ação do profissional do magistério da educação básica é permeada por dimensões técnicas, políticas, éticas e estéticas por meio de sólida formação, envolvendo o domínio e manejo de conteúdos e metodologias, diversas linguagens, tecnologias e inovações, contribuindo para ampliar a visão e a atuação desse profissional (Brasil, 2015).

O trabalho docente se constitui como ferramenta para entender as transformações atuais da sociedade, do trabalho e da globalização. É necessário compreender a docência como um excelente meio para as transformações atuais, uma vez que tais mudanças interferem nos setores econômicos e tecnológicos. A prática docente é pautada nas interações pertinentes entre professor e estudante, que tradicionalmente se realiza no ambiente presencial, no entanto, com a chegada da pandemia da Covid-19 passa a exigir novas condutas e comportamentos.

O trabalho docente durante o período pandêmico necessitou passar por ressignificações a fim de atender o novo cenário escolar. O Grupo Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente (GESTRADO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foi criado em 2002 com o objetivo de analisar as políticas educacionais - a gestão educacional e o trabalho docente – em diferentes dimensões.

O GESTRADO por meio da pesquisa “Trabalho Docente em Tempos de Pandemia”⁷, discutiu os principais efeitos das medidas de distanciamento social em função da pandemia da Covid-19, entre eles o estudo revelou muitos adolescentes brasileiros uma vez que precisavam assistir aula através de uma tela, se sentiam bastante desmotivados e não consideravam aqueles encontros remoto uma aula, pois definiam aula a interação presencial com o professor.

Por conta do distanciamento social se buscou desenvolver aulas que fugissem das aulas expositivas, apresentando outras estratégias de ensino capazes de atrair os alunos enfatizando um ensino que buscasse maior colaboração e cooperação dos estudantes. Em meio a esse cenário de incertezas, quais mudanças se observaram no exercício da docência? Quais instrumentos os professores adotaram para diminuir as evasões escolares? O que seria docência? Sobre essas perguntas nos debruçamos nesta dissertação. Na Figura 5 estão presentes os professores da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Escola SESI São Luís - Anexo em planejamento, em 2021, reunidos a fim de encontrar soluções para as aulas com número cada vez menor de alunos.

Figura 5 – Reunião planejamento de professores no período da pandemia



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os professores e alunos escolhidos para esta pesquisa foram escolhidos através de conversas informais sobre meus estudos e demonstraram interesse de imediato em participar. Segue o perfil dos respondentes:

⁷ Um dos melhores e mais completos relatórios técnicos produzidos sobre o trabalho docente na pandemia.

2.2.1 Perfil dos respondentes

Este item apresenta o perfil socioeconômico que responderam ao *Survey*. A amostra compreende um total de 24 (vinte e quatro) participantes, 10 (dez) professores e 14 (quatorze) alunos.

2.2.1.1 Respondentes – professores(as)

a) Sexo

Quando indagados sobre com qual sexo se identificavam, 55,6% dos respondentes indicaram homem. Mulheres somaram 44,4%. Os percentuais específicos de cada grupo estão descritos na Tabela 1:

Tabela 1 – Distribuição por sexo – professores (%)

Qual seu sexo?	%
Masculino	55,6
Feminino	44,4
não definido	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

b) Perfil étnico-racial

Quando indagados sobre sua cor ou raça, 66,7% das pessoas se declararam pardas; 22,2% brancas; 11,1% pretas; 0,0% amarelas; 0,0% indígenas, como sintetizado na Tabela 2:

Tabela 2 – Distribuição de raça/cor – professores (%)

Qual sua cor/raça?	%
Branca	22,2
Parda	66,7
Indígena	-
Preta/Negra	11,1
Amarela	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

c) Perfil etário

Quanto à faixa etária, os respondentes se concentram principalmente em dois estratos: de 35 a 40 anos (50%) e de 28 a 34 anos (30%). Os menores percentuais de respondentes se

concentram nos estratos: 47 a 50 anos (10%) e acima de 50 anos (10%). A distribuição completa está indicada na Tabela 3:

Tabela 3 – Distribuição de faixa etária – professores (%)

Qual sua faixa etária?	%
28 a 34 anos	30
35 a 40 anos	50
41 a 46 anos	-
47 a 50 anos	10
acima de 50 anos	10

Fonte: Elaborada pelo autor.

d) Perfil acadêmico

Quanto à faixa etária, os respondentes se concentram principalmente em um estrato: mestrado (90%). Somente (10%) possui especialização. menores percentuais. A distribuição completa está indicada na Tabela 4:

Tabela 4 – Distribuição de formação acadêmica – professores (%)

Qual sua formação acadêmica?	%
Graduação	-
Especialização	10
Mestrado	90
Doutorado	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

e) Perfil por atuação escolar (área de conhecimento)

Quanto à atuação escolar (área de conhecimento), os respondentes se concentram principalmente em três estratos: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (90%), Matemática (30%) e Ciências da Natureza (30%). Somente (10%) responderam Linguagens. A distribuição completa está indicada na Tabela 5:

Tabela 5 – Distribuição por área de conhecimento – professores (%)

Qual sua formação acadêmica?	%
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	30
Linguagens e suas Tecnologias	10
Matemática e suas Tecnologias	30
Ciências da Natureza e suas Tecnologia	30

Fonte: Elaborada pelo autor.

2.2.1.2 Respondentes – alunos(as)

a) Sexo

Quando indagados sobre com qual sexo se identificavam, 64,3% dos respondentes indicaram homem. Mulheres somaram 35,7%. Os percentuais específicos de cada grupo estão descritos na Tabela 6.

Tabela 6 – Distribuição do sexo – Alunos (%)

Qual seu sexo?	%
Masculino	64,3
Feminino	35,7
Não definido	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

b) Perfil étnico-racial

Quando indagados sobre sua cor ou raça, 42,9% das pessoas se declararam pardas; 35,7% brancas; 21,4% pretas; 0,0% amarelas; 0,0% indígenas, como sintetizado na Tabela 7.

Tabela 7 – Distribuição de raça/cor – Alunos (%)

Qual sua cor/raça?	%
Branca	35,7
Parda	42,9
Indígena	-
Preta/Negra	21,4
Amarela	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

c) Perfil etário

Quanto à faixa etária, os respondentes se concentram principalmente em um estrato: de 17 anos (71,5%). Os demais estratos ficaram os seguintes: 16 anos (14,3%) e de 18 anos (14,2%). A distribuição completa está indicada na Tabela 8:

Tabela 8 – Distribuição de faixa etária – Alunos (%)

Qual sua faixa etária?	%
14 a 15 anos	-
16 anos	14,3
17 anos	71,5
18 anos	14,2

Fonte: Elaborada pelo autor.

d) Perfil escolar materna

Os maiores percentuais se concentraram nos seguintes estratos: (42,9%) possuem pós-graduação e (21,4%) ensino superior completo. Os demais estratos ficaram distribuídos: (14,3%) ensino fundamental incompleto e ensino médio completo. Ademais (7,1%) ensino fundamental completo.

Tabela 9 – Distribuição de formação escolar materna – Alunos (%)

Qual a formação escolar materna?	%
Ensino Fundamental incompleto	14,3
Ensino Fundamental completo	7,1
Ensino Médio incompleto	-
Ensino Médio completo	14,3
Ensino Superior incompleto	-
Ensino Superior completo	21,4
Pós-graduação incompleta	-
Pós-graduação completa	42,9

Fonte: Elaborada pelo autor.

e) Perfil escolar paterno

Os maiores percentuais se concentraram nos seguintes estratos: (28,6%) possuem ensino médio completo e (21,4%) pós-graduação completa e ensino superior completo. Os demais estratos ficaram distribuídos: (14,3%) pós-graduação incompleta, (7,1%) ensino fundamental completo e (7,1%) ensino superior incompleto.

Tabela 10 – Distribuição de formação escolar paterna – Alunos (%)

Qual a formação escolar materna?	%
Ensino Fundamental incompleto	-
Ensino Fundamental completo	7,1
Ensino Médio incompleto	-
Ensino Médio completo	28,6
Ensino Superior incompleto	7,1
Ensino Superior completo	21,4
Pós-graduação incompleta	14,3
Pós-graduação completa	21,4

Fonte: Elaborada pelo autor.

2.2.2 Perfil de entrevistados(as)

A escolha do quadro de entrevistados(as) na pesquisa privilegiou a diversidade e adotou a amostragem não probabilística. A distribuição de sexo e raça obtida foi a seguinte: 3 (três) mulheres pardas; 3 (três) homens pardos; 2 (dois) homens brancos; 1 (um) homem preto e 1 (uma) mulher branca entre professores.

O recorte concernente ao tempo de serviço na instituição se concentra em 40% (0 a 2 anos) de docência no Sesi. Quando indagados acerca do grau de satisfação com o presente salário se pode constatar que 55% dos respondentes afirmaram estarem satisfeitos. Insatisfeitos e indiferentes somaram 44,4%. Outro dado relevante sobre os respondentes que 66,1% afirmaram receber da Escola Sesi São Luís - Anexo entre 4 (quatro) a 6 (seis) salários-mínimos.

Os dados apresentados na distribuição de formação acadêmica dos professores nos mostram que a moda (maioria significativa) foi de que eles possuem mestrado e isso é consequência da maior oferta de mestrados profissionais direcionados para professores que atuam em suas áreas, mas não possuíam pós-graduação *stricto sensu*, uma vez os mestrados acadêmicos exigem total dedicação.

Logo se afirma que a maioria dos respondentes são mulheres, satisfeitas com o salário, com 0 a 2 anos de Sesi com uma renda de 4 (quatro) a 6 (seis) salários mínimos.

Quando nos voltamos aos alunos a distribuição de sexo e raça obtida foi a seguinte: 5 (cinco) homens pardos; 2 (duas) mulheres brancas; 3 (três) homens brancos; 2 (duas) mulheres pretas; 1 (um) homem preto e 1 (uma) mulher parda.

O recorte concernente à formação escolar chama atenção, pois o grau de instrução das mães representa 42,9% diferente dos pais que somente 21,4% possuem a pós-graduação. Outro dado representativo sobre os respondentes é que 92,9% da renda familiar se concentra entre 1 (um) a 3 (três) salários mínimos. Logo se percebe que a maioria dos respondentes são homens, com pais detentores de pós-graduação, com uma renda familiar de 1 (um) a 3 (três) salários mínimos.

2.3 O ensino através das plataformas digitais no período pandêmico na Escola Sesi São Luís - Anexo

Neste momento é importante diferenciar Educação a Distância (EaD) com atividade remota pela *Internet* em situação de crise grave. EaD é toda uma concepção didática e de estudo

e aprendizagem que envolve estrutura, conteúdos, formação e que abrange desde o desenho didático inicial adequado às características da área de conhecimento específica até as avaliações da aprendizagem discente, executada por equipe multidisciplinar treinada (Lima, 2021).

Como o distanciamento social se buscou outras formas de ensino através do uso das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC), tais como *e-mail*, *WhatsApp*, *Google Classroom*, *Google Meet*, *Zoom*, *BigBlueButton* e Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). O CNE emitiu um parecer autorizando a oferta de atividades não presenciais em todos os níveis de ensino.

O ensino remoto, devido à pandemia da Covid-19, está sendo aplicado como forma emergencial, para dar conta de uma situação até então inusitada. Isso não significa que os Projetos Pedagógicos das Instituições de Ensino e de seus respectivos cursos foram modificados. Conde *et al.* (2023) afirma que a fim de estruturar o currículo e os processos de ensino e de aprendizagem na modalidade a distância, ou seja, os professores estão apenas utilizando as TDIC como meio, mantendo as mesmas metodologias de ensino utilizadas no ensino presencial, logo se notou que apesar da migração para o virtual, os professores seguiram com modelos tradicionais de ensino, privilegiando aulas somente expositivas, pouco explorando as potencialidades do ambiente virtual, por meio de aplicativos ou outras plataformas educacionais.

A EaD, por sua vez, envolve todo um projeto educacional diferenciado, com tutores, ambientes virtuais, utilização de Objetos de Aprendizagem (Parreira; Falkembach; Silveira, 2018) e diferentes metodologias de ensino, para dar conta da interação necessária no ambiente virtual. Por exemplo, um docente de uma escola (seja pública ou privada), que está realizando *lives* para dar conta das atividades letivas, não tem a sua disposição um AVA, profissionais da área de Tecnologia da Informação para darem apoio às questões da infraestrutura tecnológica, tutores, materiais didáticos digitais produzidos especificamente para o curso/disciplina em questão, enfim, não possui todo o aparato necessário para realizar as atividades na modalidade de EaD. Sendo assim, verifica-se que a maioria dos docentes está realizando, na verdade, apenas o ensino remoto.

Um dos aspectos mais importantes ao utilizar as TDIC para mediação dos processos de ensino e de aprendizagem é o *feedback*. Os professores precisam fornecer um feedback qualificado, visando incentivar a interação entre professores e alunos (Pereira *et al.*, 2017). O professor precisa, então, aprender a utilizar as TDIC, desenvolver materiais didáticos-digitais (ou utilizar materiais disponíveis em modo público), disponibilizar estes materiais didáticos-digitais aos alunos, mediar a interação dos alunos com estes materiais, manter contato constante

com os alunos e fornecer um *feedback* qualificado. Apesar do fato de que as TDIC favorecem o trabalho do docente e ampliam as possibilidades de qualificação dos mesmos, o trabalho é maior do que o realizado nas aulas presenciais utilizando o método tradicional de ensino, baseado quase exclusivamente em aulas expositivo-dialogadas.

A REDE SESI de Educação do Maranhão consciente da urgência em aplicar de imediato as TDIC elaborou durante os anos de 2020 e 2021 diversas estratégias a fim de auxiliar os docentes na realização das aulas. A fim de compreendermos, cabe traçar uma breve e fundamental cronologia das ações apresentadas, discutidas e aplicadas pelo SESI durante o período pandêmico.

Em 13 de março de 2020 a REDE SESI de Educação do Maranhão alinhada ao Sindicato dos Estabelecimentos Particulares do Maranhão (SINEPE), suspendeu as aulas por 15 dias, a partir do dia 17 de março de 2020. Naquele comunicado expedido pela escola já se anunciava que em breve seria disponibilizado um plano de contingência que fosse capaz de atenuar ao máximo as perdas pedagógicas por essa suspensão.

A primeira ação da escola divulgada a todos os docentes em 23 de março de 2020 foi a solicitação de elaboração e postagens de vídeos aulas para o período de 30 de março de 2020 a 30 de abril de 2020. As videoaulas eram enviadas à coordenação para aprovação, e postagem de atividades na Plataforma *Geekie*. Em 25 de março de 2020 recebemos novas orientações por parte da coordenação da escola com *links* para participarmos de formações online sobre o manuseio de tecnologias digitais promovidos pela SOMOS Educação.

Em 31 de março de 2020 o SESI definiu todas as orientações que deveríamos seguir, essas orientações causaram grande impacto em nosso trabalho docente, pois ficamos temerosos se conseguiremos executar de maneira eficaz como a escola desejava, recordamos que naquele momento entre nós docentes, houve um sentimento de constante preocupação se estávamos executando as aulas corretamente, uma vez que, a vigilância, em tempos de pandemia, se intensificou, pois as coordenadoras estavam presentes em sala de aula, e às vezes, pais acompanhavam as aulas dos filhos, logo a sensação de uma constante avaliação recaiu sobre nós e ficávamos temerosos se ainda sabíamos lecionar. Nosso quadro branco, era agora uma plataforma digital e através dela deveríamos transpor os assuntos aos alunos.

A coordenação de educação do Sesi emitiu as seguintes orientações:

1. Estratégia de suspensão de aulas presenciais.

a) **17 de março à 03 de abril - Suspensão de aulas presenciais com trabalho *home office* do docente.** Esses dias serão considerados dias letivos segundo orientações emitidas pelo Conselho Estadual de Educação do MA, devendo ser realizados todos

os registros que legalmente comprovem o efetivo trabalho pedagógico realizado neste período.

2. Ensino Médio e Fundamental Anos Finais.

- a) Registrar a carga horária do professor – os professores ficarão disponíveis nos respectivos horários das aulas, no *Teams Class*. **São orientados a gravarem suas aulas. As aulas devem ficar armazenadas no OneDrive de cada professor;**
- b) Registrar a frequência do aluno – a partir de entregas de atividades demandadas pelo professor, realizar os registros no diário de bordo, registrar no SGE 100% de presença;
- c) Atividades realizadas pelos alunos – deverão ser entregues em mídias digitais (*word, sway, forms, blog, etc...*);
- d) SGE⁸ – os professores deverão lançar planos de aula e frequência da mesma forma das aulas presenciais. Os professores deverão dar continuidade aos planos de aula;
- e) Conteúdo – o material didático da REDE SESI - MA estará disponível *on-line* no Portal Sesi Educação para o professor. Esse material poderá ser complementado pelos professores na sala de aula virtual, no *Teams*.

3. Equipe Educacional.

3.1. Coordenadoras Pedagógicas:

- a) Ficarão responsáveis pela supervisão das atividades docentes no *Office 365*, acompanhamento do lançamento das frequências e conteúdos no SGE;
- b) Realizarão coletiva no *Teams*.

3.2. Suporte Técnico.

- a) A Elayne e o Arthur⁹ ficarão responsável pelo suporte técnico nas ferramentas do *Office 365* e na *Agenda Connect*;
- b) A Elayne e a Cybelle ficarão responsáveis pelo suporte pedagógico.

4. Recursos tecnológicos disponíveis para Professores, Coordenador Pedagógico, Orientador Educacional, Psicóloga Escolar, Bibliotecária Escolar e Secretária Escolar.

- a) *Office 365*;
- b) SGE;
- c) Portal Educação;
- d) *Agenda Connect*.

5. Plano de Aulas Remotas – Como Devem Ser Elaborados.

5.1. Comunicação com os alunos nos ambientes virtuais.

A comunicação remota com os alunos e pais deve ser através das ferramentas e plataformas indicadas a seguir:

- a) *WhatsApp*: Utilização para conversas individuais, em grupos ou através de listas de transmissão;
- b) *Microsoft Teams*: Trabalhe em equipe usando chat, compartilhando arquivos e fazendo chamadas com vídeo;
- c) *Agenda Meu EduConnect*:

O professor deve identificar as tarefas que podem ser transpostas, facilitadas ou repensadas para o meio digital utilizando-se das ferramentas da *Microsoft*.

O Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) funciona como uma “sala de aula” virtual, que traz videoaulas, planos de estudo e atividades, além da análise de dados educacionais.

Essas orientações detalhavam todas as ações que deveríamos executar durante aquele período. As ações solicitadas pela escola demonstraram uma preocupação em manter o vínculo escola e aluno, em nossas reuniões uma das principais cobranças era para não deixarmos que esses alunos se ausentassem da “sala de aula” virtual, o receio por essas ausências, significava a diminuição do repasse financeiro do Sesi Nacional as escolas do Maranhão, como é sabido o

⁸ Sistema de Gestão Escolar (SGE) é a plataforma que alimentamos com os planos de aulas, frequências e notas dos alunos da Rede SESI Educação Maranhão.

⁹ Na época eram os técnicos responsáveis pelos monitoramentos das atividades docentes.

SESI foi criado através do Decreto-Lei nº 9.403, de 25 de junho de 1946, que atribuiu à Confederação Nacional das Indústrias o encargo de criar o Serviço Social da Indústria (SESI), logo os repasses financeiros dependem do número de alunos matriculados nas escolas que pertencem a Rede Sesi.

Em outro momento das orientações expedidas pelo Sesi eram direcionadas aos encaminhamentos que deveríamos nos concentrar para a condução das aulas, o texto afirmava:

- a) Se no modelo tradicional o professor em uma aula expositiva explica a matéria no quadro para que depois os alunos façam sozinhos a lição de casa, neste encaminhando metodológico para o desenvolvimento de plano de aulas remotas, a orientação é que primeiro o aluno realize a internalização dos conceitos essenciais antes da aula e depois com a ajuda da orientação do professor discutam os conhecimentos adquiridos e tirem possíveis dúvidas, seguindo a lógica da sala de aula invertida;
- b) Considere propor que o primeiro contato com o conteúdo, estudado previamente a distância, seja feito por meio do uso de materiais digitais, como: videoaulas, games, podcasts, pesquisas, textos, fóruns etc.;
- c) O material didático e sistema de ensino podem ser grandes aliados do professor na elaboração do plano de aulas remotas. O livro do professor traz encaminhamentos metodológicos, sugestões de atividades, referências, propostas de avaliação e outros elementos que possam auxiliar na construção do plano de aula;
- d) O professor deve buscar e orientar, considerando as competências a serem trabalhadas, vivências em Realidade Aumentada, que ao serem acessadas, apresentam diferentes tipos de interação, como vídeos, jogos, atividades e animações que auxiliam o trabalho do professor e tornam o aprendizado mais dinâmico, sendo um complemento para a sala de aula e para os estudos em casa.

O desenvolvimento tradicional da aula iniciava com o uso do quadro, naquela nova configuração escolar, utilizamos a lógica da sala de aula invertida, ou seja, previamente enviávamos *links* de *sites* contendo os conhecimentos sobre os assuntos que seriam discutidos durante as aulas remotas. Uma crítica a essa metodologia seria que ela exigia um aluno totalmente autônomo, capaz de elaborar hipóteses, construir argumentos lógicos, habilidades que muitos alunos não possuíam, essa imposição por um autodidatismo não representava a realidade escolar, que nós professores observávamos em nossos alunos. Consequentemente nos dias programados para a aula remota, grande maioria, não havia lido ou consultado qualquer site que tínhamos sugeridos, na agenda virtual, às vezes pois não conseguiam ler, pois a internet oscilava, ou então os pais precisavam utilizar o computador para trabalhar e não puderam realizar as pesquisas e por fim não possuíam interesse, pois o isolamento social impôs sobre todos sentimentos de angústias e indiferença que dificultava o aprendizado dos alunos.

Outra preocupação da escola era a manutenção da relação professor-aluno, a proposta da escola:

5.4. Promova discussões práticas na elaboração do plano de aulas remotas

- a) O professor deve promover a discussão prática do conteúdo teórico trabalhado nas aulas remotas para tanto, o professor deve abrir um chat para discutir o assunto abordado na aula através do Teams.
- b) O professor deve aproveitar este momento para criar espaços para a interação entre os próprios estudantes. Promova debates e estimule a participação e a exposição de diferentes pontos de vista.

Outro ponto importante durante as aulas remotos foram os “combinados” em sala de aula, deveríamos organizar regras de convivência para aquele novo ambiente, entre as sugestões do SESI estavam:

[...] assim como na sala de aula presencial, não utilizar dispositivos que não sejam pertinentes nem realizar outras atividades em paralelo.
 Reforçar a honestidade na execução de atividades.
 Usar sempre fones de ouvido, para evitar efeitos de microfonia.
 Deixar o microfone no “mudo” enquanto o(a) docente ou outros(as) participantes falam.
 Manter a webcam ligada para aumentar o senso de pertencimento e o engajamento, mas, em caso de dificuldades de conexão, mantê-la desligada poderá ser necessário.
 Mandar dúvidas e demais conteúdos durante a aula pelo chat da videochamada.
 Não retirar participantes da chamada ao longo da aula sem a autorização do(a) professor(a).
 Não colocar o microfone dos(as) participantes no “mudo” em momentos de interação.
 Pedir a colaboração de outras pessoas da casa para não interromper os momentos de aprendizagem.

As orientações disponibilizadas pelo SESI visavam garantir um ambiente “tranquilo” para aprendizagem, no entanto, em meio ao caos mundial, seria possível proporcionar um espaço efetivo e eficaz para estudos naquele momento? Por mais que as regras fossem ditas, muitos alunos não validavam, pois como dito por eles, “aquilo” não era uma sala. Em outro momento fomos instruídos a dinamizar as aulas, e algumas plataformas foram sugeridas:

- a) *Kahoot!*: É uma plataforma de aprendizado baseada em jogos que são testes de múltipla escolha. A ferramenta permite a geração de usuários(as) e pode ser acessada por meio de um navegador da web ou do aplicativo Kahoot.
- b) *Paint Editor – Marker for Chrome*: É uma extensão gratuita e simples de usar que permite criar e salvar desenhos rápidos e divertidos enquanto você usa o Chrome! Você pode “rabiscar” em cima de uma apresentação do Google, por exemplo, enquanto projeta a sua tela dentro do *Hangouts Meet*.
- c) *Ultra Timer*: É uma extensão gratuita que permite cronometrar o tempo. Você pode configurar a ferramenta de acordo com o tempo desejado e ajustar as notificações sonoras em alguns poucos cliques.
- d) *Bitly*: Esse é um dos encurtadores de URL mais usados. Crie uma conta e tenha a opção de customizar seus endereços. Você mesmo escolhe os caracteres para a sua URL, tornando endereços eletrônicos e links menores e mais fáceis de serem acessados, facilitando a sua vida e a de seus(suas) estudantes.
- e) *Mindmeister*: É um aplicativo de mapeamento mental online que permite que seus(suas) usuários(as) visualizem, compartilhem e apresentem seus pensamentos através da nuvem.

Entre as ferramentas acima citadas, o *mindmeister* foi utilizado por mim, pois ajudava a criar uma nuvem de ideias iniciais acerca de um assunto, os alunos eram instigados a enviar por um *link* uma palavra que melhor representasse aquele conteúdo. Por exemplo, se fosse colocado o tema: cultura, cada aluno ao clicar no *link* iria enviar uma palavra que pudesse significar cultura, em seguida era conduzida um debate com todas as palavras ditas pelos estudantes.

Uma das maiores preocupações do SESI era mantermos os alunos ativos nas aulas, então precisávamos sempre buscar ferramentas que pudessem despertar o interesse dos alunos. O trabalho docente durante a pandemia estava muito direcionado a encontrar aplicativos que fossem capazes de estreitar a relação professor-aluno.

Araújo Filho (2022) traz um relato acerca da sua experiência de sala de aula enquanto professor de Sociologia no 1º ano do Ensino Médio em 2021 no ensino remoto na Escola SESI São Luís - Anexo. O autor afirma que a REDE SESI de Educação do Maranhão dispõe de tecnologias educacionais (PLURALL, *Geekie Lab*, SuperProfessor¹⁰) para ajudar nas aulas, no entanto, coube também despertar para um ensino que pudesse atender os alunos desmotivados e cada vez mais carentes de incentivo e determinação com os estudos.

A REDE SESI constrói seu próprio material didático em parceria com a editora SOMOS¹¹. A escola SESI São Luís - Anexo, atende os alunos no Novo Ensino Médio (NEM)¹². Por estarmos falando do NEM, a Sociologia se alia a História, Geografia e Filosofia assumindo o nome de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Os objetos de aprendizagem são interdisciplinares, ou seja, sobre um mesmo conteúdo a área constrói um diálogo plural e diverso, mas coeso e coerente para os discentes (Araújo Filho, 2022).

São 7 (sete) salas de 1º ano do NEM, 6 (seis) salas de 2º ano do NEM, 3 (três) salas de 3º ano com o Ensino Médio tradicional e 1 (uma) sala de 3º ano do NEM (Araújo Filho, 2022, p. 30). A atividade foi realizada com as sete salas de 1º ano do NEM, uma vez que, realizei minha atividade com este público. O motivo da escolha destes alunos se deve ao objeto de conhecimento proposto pelo material didático e minha maior afinidade com este assunto.

¹⁰ São plataformas contratadas e disponibilizadas pela Rede SESI de Educação aos professores contendo banco de questões, vídeos, *podcast* e micro aulas com o objetivo de potencializar o processo de ensino-aprendizagem.

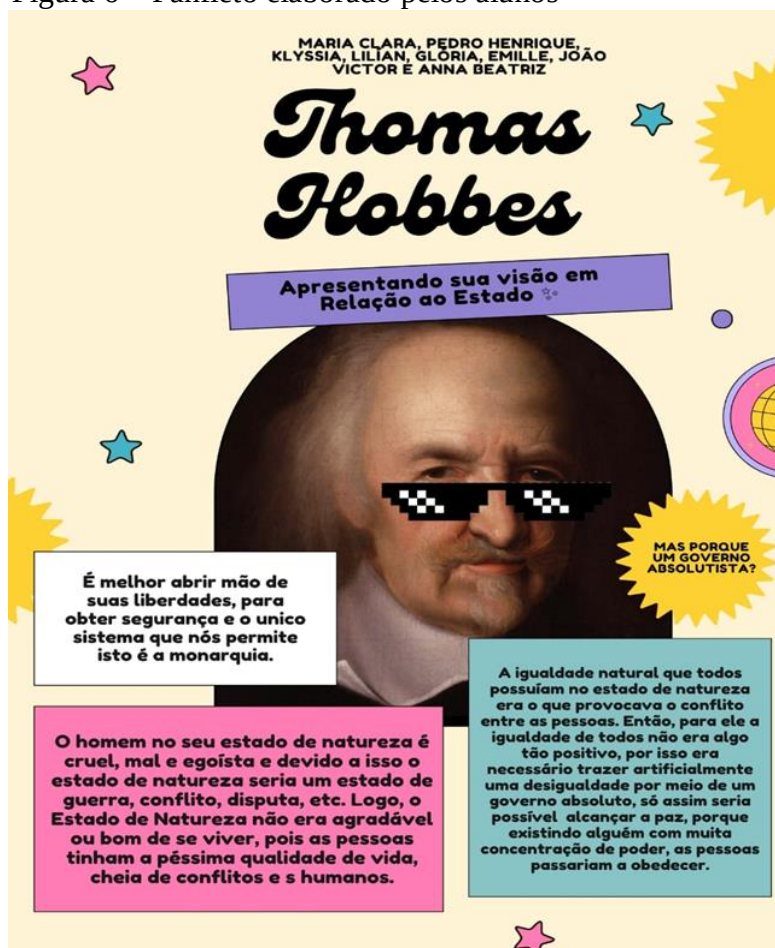
¹¹ SOMOS Educação é o principal grupo de Educação Básica do Brasil com escolas próprias, sistemas de ensino, editoras e soluções educacionais para o ensino.

¹² O projeto sobre o Novo Ensino Médio (NEM) foi sancionado, em 2017, no governo Temer e começou a ser implantado, em 2022, nas escolas de todo país. No entanto, o SESI Nacional já havia iniciado sua 1ª turma do NEM 2020, logo em 2021 na Escola SESI São Luís - Anexo já trabalhávamos por área de conhecimento (Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) e não por disciplinas. O NEM gera bastante discussões sobre sua real eficácia, no entanto, neste trabalho não iremos adentrar a esses debates, pois estaríamos desviando do objetivo principal dessa pesquisa.

O material didático do 1º ano do NEM é constituído por quatro livros interdisciplinares que serão discutidos e contextualizados durante o ano letivo (Araújo Filho, 2022). O livro nº 2 Ciências Humanas e Sociais Aplicadas oportuniza aos alunos o conhecimento acerca da Peste Negra (1346-1352), Renascimento Cultural e Iluminismo. Dentro destes objetos de aprendizagem o autor sugere o tópico “As novas concepções políticas e sociais”, ou seja, os pensamentos políticos e sociais resultantes do iluminismo. Araújo Filho (2022) descreve sua experiência da seguinte forma:

[...] senti-me instigado a problematizar quatro pensadores políticos Nicolau Maquiavel (1469-1527), Thomas Morus (1478-1535), Hugo Grotius (1583-1645) e Thomas Hobbes (1588-1679) estes pensadores estão no corpo do texto do livro didático como referências na compreensão da realidade social e política do Renascimento Cultural. O desafio enquanto docente de Sociologia, e agora, enquanto docente de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas é transportar ideias do passado para o presente, especialmente para a realidade juvenil, pois muitos adolescentes julgam desnecessária e enfadonha as humanidades. O saber sociológico é inquietante, afinal, estamos lidando a todo momento com realidades sociais diversas e isso que desejo levar aos meus alunos. Que eles se inquietem com a sociedade e desnaturalizem as verdades impostas pelas instituições. Decido a inquietar os alunos, em cada sala de 1º ano dividi-os em quatro equipes com data de apresentação 14 de setembro de 2021, cada grupo ficou responsável por um pensador político (Maquiavel, Morus, Grotius e Hobbes) e os desafiei a produzirem panfletos virtuais e apresentarem aos outros alunos. Inicialmente os alunos deveriam conhecer as principais ideias daquele pensador e uma vez de posse desse conhecimento usando a imaginação sociológica (Wright Mills, 1965) solicitei aos alunos que criassem uma sociedade com os ideais do pensador político que haviam escolhido e por meio de panfletos saíssem na sala divulgando aqueles ideais, convidando outros alunos a participarem. Os grupos no dia agendado apresentaram os ideais políticos, espelharam no *notebook* o panfleto virtual, imprimiram alguns e entregaram na sala durante a apresentação. O momento foi bastante rico, lúdico, contextualizado, provocativo e principalmente agregador, tenho certeza de que os alunos puderam assimilar melhor os posicionamentos políticos de Maquiavel, Morus, Grotius e Hobbes.

Figura 6 – Panfleto elaborado pelos alunos



Fonte: Araújo Filho (2022).

O panfleto acima representa a produção dos alunos Maria Clara, Pedro Henrique, Klyssia, Lílian, Glória, Emille, João Victor e Anna Beatriz¹³ do 1º ano E do Novo Ensino Médio da Escola SESI São Luís - Anexo realizado no dia 14 de setembro de 2021 (Araújo Filho, 2022). O presente panfleto ressalta as principais ideias de Thomas Hobbes, e como proposto os alunos fizeram uma pergunta “mas porque um governo absolutista?”. Esta indagação orientou a apresentou e inquietou a sala acerca dos resquícios na sociedade contemporânea de atitudes absolutistas e se tal regime seria viável na modernidade. Este grupo além de expor os pensamentos de Thomas Hobbes no *datashow* entregou alguns panfletos físicos para os demais alunos.

O objetivo de provocar, inquietar os alunos acerca da realidade social e podermos traçar paralelos com os ideários destes quatro autores, buscando contextualizá-los na contemporaneidade, creio que tenha sido alcançado despertando nos jovens uma Sociologia crítica e combativa.

¹³ Solicitou-se a permissão dos alunos para divulgação dos seus nomes, e todos concordaram.

Por essa experiência docente no ano de 2021 se pode perceber o esforço que os professores precisaram realizar para atenuar a ausência da sala de aula presencial. Outra atividade realizada durante aquele ano foi a produção de paródias, e uma das mais interessantes foi da aluna Maria Luiza, essa ação foi muito importante pois depois de meses, um aluno se sentiu à vontade para ligar a câmera e cantar. Aquele momento foi bastante singular, pois até então somente era possível ver telas sem rosto ou somente gravuras de desenhos. Por alguns momentos foi possível sentir maior proximidade com os alunos.

Figura 7 – Abertura das câmeras em aula



Fonte: Araújo Filho (2022).

Em meio a esse cenário de incertezas. Como podemos pensar a saúde mental docente? Houveram ações por parte do SESI para minimizar os danos à saúde? Logo seguimos uma discussão acerca dos prejuízos à saúde mental dos docentes.

2.4 Saúde mental docente

A saúde mental caracteriza-se por todo um conjunto de manifestações do corpo e da mente, como estresse, ansiedade, depressão e fadiga (Dias; Sônego, 2018). Pensar sobre saúde mental requer pensar o que significa esse termo. Para a OMS “[...] saúde mental é um estudo

de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de usar suas próprias habilidades, recuperar-se do estresse rotineiro, ser produtivo e contribuir com a sua comunidade” (Brasil, 2017).

O contexto da pandemia ocasionado pela Covid-19 “[...] não apenas desencadeou como agravou processos de adoecimento mental provocados por uma conjuntura de crise generalizada que já vinha ocorrendo em diversas dimensões, como política, econômica, social e cultural” (Menezes; Martilis; Mendes, 2021, p. 53) trazendo a tona uma crescente casos de adoecimentos decorrentes do isolamento social e o aumento significativo do trabalho home office entrelaçadas com as rotinas domésticas junto com as atividades de trabalho. Entre os entrevistados se pode escutar o aumento da ansiedade, entristecimento

Em 6 de fevereiro de 2020, pela Lei nº 13.979, conhecida como “Lei da quarentena”, destaca-se a ementa “[...] dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019” (Brasil, 2020a). Entre as medidas estava o fechamento temporário das escolas, suspendendo as atividades escolares com o objetivo de evitar a propagação do vírus. Segundo Saviani e Galvão (2021, p. 37),

[...] nessas circunstâncias, nos vimos obrigados a entrar em isolamento social como medida preventiva para a contenção da pandemia, adotada com mais ou menos seriedade e compromisso, conforme entendimento de cada governo municipal ou estadual, tendo em vista o abandono do governo federal nas providências que precisam ser tomadas. Comércio, indústrias e serviços tiveram suas rotinas alteradas e não foi diferente com as escolas, nas quais, logo após o início do ano letivo, as atividades presenciais foram suspensas.

Em vista disso, as relações escolares geraram muitas discussões giraram em torno das condições vividas pelos estudantes e como foram sendo conduzidas. Cabe-nos perguntar como estavam esses professores? Como esse profissional gerenciava sua vida pessoal uma vez que sua casa tinha sido invadida pelo trabalho? Quais preocupações os professores vivenciaram durante esse período pandêmico? Inúmeras foram as incertezas vivenciadas naquele período.

O sentimento de impotência, fragilidade e sobretudo incertezas perpassou a vida em meio àquela situação. O trabalho nas escolas, causou mal-estar entre os professores, logo a saúde mental foi abalada tanto pela vida cotidiana quanto pelas situações do trabalho. O suporte emocional, a interação acolhedora era o que se necessitava para auxiliar no sofrimento dos professores. Dias e Sônego (2022),

[...] quando nos referimos ao sofrimento mental dos professores, compreendido por meio de um conjunto de manifestações do corpo e da psique, como estresse, ansiedade, depressão e fadiga, estamos nos dirigindo ao que seria a introdução da expressão contemporânea ‘mal-estar docente’.

O ‘mal-estar docente’ se configura por vezes as vivências de impotência, ressentimento, melancolia ou ao contrário, euforia profissional – clássicas nos trabalhadores que tentam proteger-se do medo de ser dispensado, formam um quadro clínico mesclado: o de uma atividade em que a disponibilidade psicológica investida pelo trabalhador para se sentir “responsável” pelo futuro da empresa e do serviço chega a um nível tão exorbitante que o professor chega a culpar-se pelo baixo desempenho escolar dos alunos (Clot, 2007). Trazendo unicamente para si todas as responsabilidades que antes deveriam ser distribuídas por todo o corpo escolar.

A REDE SESI de Educação do Maranhão em face da situação calamitosa imposta pela pandemia da Covid-19 cria em 2022 um Núcleo de Apoio Educacional (NAE), a fim de prestar assistência pedagógica e psicológica ao corpo escolar decorrente aos impactos sofridos nos anos de 2020 e 2021. O NAE elabora um manual norteador com o seguinte objetivo

[...] dar importância às competências socioemocionais para a formação de alunos mais autônomos, críticos e capazes de serem protagonistas da sua aprendizagem, elaborou este manual que traz orientações para subsidiar o trabalho dos integrantes do Núcleo de Apoio Educacional (NAE).

O NAE é composto por uma equipe multidisciplinar composta por: um psicólogo escolar, psicopedagogo escolar e um orientador educacional, todos esses profissionais devem estar engajados no desenvolvimento das competências socioemocionais. O NAE desde sua implantação em janeiro de 2022 desenvolve ações na escola, por exemplo, rodas de conversa, palestras sobre *bullying*, reuniões com pais de alunos que demonstram dificuldades nas aulas ou qualquer outro comportamento que o prejudique no seu processo de aprendizagem. Cabe salientar que o NAE possui uma sala exclusiva para realização dos atendimentos individualizados, onde se fará presente a psicóloga ou a psicopedagoga.¹⁴

Outra ação implantada na Escola SESI São Luís - Anexo foi o Programa de Qualidade de Vida “Bem-Estar Relax 2023” através da Coordenadoria de Gestão de Pessoas (COGEP) com o objetivo de “[...] proporcionar um conjunto de ações sistematizadas e contínuas com foco na saúde física e emocional dos colaboradores por meio do bem-estar e qualidade de vida no ambiente de trabalho com profissionais especialistas [...]” assegura o projeto que essas ações serão ofertadas por meio dos seguintes serviços: massagem relaxante, ventosa terapia e *quick* massagem sem qualquer custo ao funcionário. Na escola uma vez por mês recebemos um

¹⁴ Nos atendimentos, o aluno ou qualquer outro membro do corpo escolar lhe será oportunizado um espaço de escuta a fim de ouvir suas queixas a fim de alcançar uma solução para aquela situação de vulnerabilidade emocional.

massagista que durante a manhã realiza os atendimentos. Abaixo segue o anúncio da ação mensal proposta pelo “Projeto Bem-Estar Relax 2023”.

Figura 8 – Anúncio do Projeto Bem-Estar Relax 2023



Fonte: Imagem cedida pelo Sistema FIEMA.

Além dessas ações mencionadas acima, entrei em contato por e-mail institucional com a psicóloga do Sistema FIEMA Keyliane Coelho a fim de obter mais informações acerca das ações que foram realizadas especialmente no ano de 2021, visto que, essa dissertação se circunscreve neste ano, período escolhido para análise do trabalho docente.

Keyliane Coelho afirma que as principais ações para atenuar os danos psicológicos consistiram nas seguintes atividades realizadas pela COGEP:

- a) monitoramento do estado de saúde física dos colaboradores, principalmente os que tiveram a doença (orientação médica dos sintomas e tratamento);
- b) atendimento psicológico, via ligação ou chamada de vídeo, aos colaboradores que tiveram a doença e estavam dispostos a receber o atendimento. Nesse momento, era realizada a escuta, acolhimento e orientações (técnicas de autocontrole) para lidar

com o isolamento, ansiedade e medo excessivo que alguns colaboradores enfrentaram;

- c) atendimento psicológico via ligação ou chamada de vídeo aos colaboradores de modo geral que apresentaram sintomas ansiogênicos e de medo excessivo devido a possibilidade de contaminação e isolamento de familiares, além de atendimento de acolhimento aos que perderam pessoas queridas.

As ações continuaram nos anos de 2022 e 2023 foram mantidas. Ademais houve a implantação da avaliação psicológica para todos os colaboradores que fazem exames admissionais e periódicos. O objetivo destas ações é “[...] acompanhar a saúde emocional dos colaboradores, avaliando principalmente o nível de vulnerabilidade ao estresse no trabalho, emotividade, fragilidade emocional, entre outras situações [...]”, afirma a psicóloga Keyliane Coelho.

Por mais difíceis que estivessem sendo o cenário pandêmico, os professores encontraram saídas educacionais, por meio de aplicativos digitais, cursos online, tutoriais de oratórias, a fim de conseguirem alcançar o maior número de alunos. Em meio ao pensamento marxiano discutido acima juntamente com as contribuições de Antunes (2002) e Clot (2007) podemos compreender que as ações laborais docentes passaram por uma compulsória ressignificação das atividades educacionais, ou seja, o professor necessitou conhecer e aprender a lidar com destreza as ferramentas digitais e principalmente desenvolver maior empatia as carências emocionais dos alunos.

No próximo capítulo discutiremos os resultados desses impasses e transformações a partir dos discursos dos professores e alunos. Ademais, se pretende construir um novo cenário “pós-pandêmico”, em 2023, ano que já não se considera pela ONU a Covid-19 uma emergência mundial. Entre os resultados desse período obscuro destacamos os conflitos escolares que se aprofundaram após o retorno total às aulas presenciais.

3 O ESPAÇO ESCOLAR “PÓS-PANDEMIA”

Quando se está em sala de aula somos afetados por diferentes substâncias: quadro branco, alunos, cadeiras, som da sirene, regras, *datashow*, porta, janela, digo isso, pois durante a pandemia da Covid-19 esses elementos foram substituídos por uma tela virtual. Seria essa a nova configuração de uma sala de aula? Quais os impactos dessa transposição para o meio virtual no trabalho docente? Essas foram minhas principais inquietações que permearam essa dissertação. A fim de conseguirmos extrair respostas para essas indagações entrevistamos 14 (catorze) docentes e 10 (dez) alunos, por decisão dos entrevistados os mesmos serão aqui mencionados somente com a inicial do nome, para mantermos o anonimato.

As entrevistas dos professores foram realizadas fora do espaço escolar, pois não tínhamos tempo necessário para conduzir as pesquisas, então os encontros aconteceram em cafeterias, praças e em livrarias, a escolha desses espaços foi sugestão dos entrevistados. Quanto aos alunos todos foram entrevistados na escola, normalmente no contraturno para não atrapalhar as aulas. Por vezes, se percebia nos alunos e professores uma resistência em abordar as dificuldades que vivenciadas na pandemia, em alguns momentos a entrevista precisava ser pausada, pois as lágrimas rolavam ao recordarem as situações ruins vivenciadas, logo discutir trabalho docente foi bastante árduo, uma vez que, era necessário lidar constantemente com as memórias ruins trazidas durante as entrevistas. As seções seguintes estão divididas de acordo com os principais pontos abordados durante as entrevistas a fim de responderem a problemática do trabalho docente na pandemia da Covid-19.

3.1 Representações da sala de aula durante a pandemia.

Estar em sala de aula foi um dos pontos abordados pelos professores, com o advento da pandemia esses profissionais precisaram reformular suas estratégias docentes. A Professora F. nos diz como ela observava sua presença em sala de aula:

[...] eu acho que quando a gente entra na sala de aula, a gente é tudo. A gente é professor. A gente é terapeuta, conselheiro. Eu tenho muito aluno que chega para conversar comigo. É tia, eu não estou bem. É tia, eu gosto de fulano. É tia, eu estou fazendo isso. Então assim, dar aula, às vezes eu digo que é o melhor dos trabalhos. Porque você tem que administrar muita coisa em 50 minutos. Então assim, você tem que dar aula, você tem que prestar atenção no que o menino está fazendo. Você tem que estar olhando para um canto, mas com a visão periférica do outro. Então, sabendo se aquele menino realmente está prestando atenção, ou se ele está bem. Então às vezes eu entro e falo que o menino está cabisbaixo, está querendo chorar, está passando mal, está tendo crise de ansiedade, está treinando coisas. Então assim, não é só dar o conteúdo. Dar o conteúdo é trabalhoso, mas você tem que lidar com 35 seres humanos totalmente diferentes, que entendem de maneiras diferentes. E que

para um é muito simples o que você fala, para outro é algo absurdo, algo de outro mundo. Com níveis sociais diferentes. Então, lecionar é mais do que dar aula (Professora R., 20 de junho de 2023).

Professora **F.** nos fornece um relato acerca das múltiplas funções que o professor precisa desempenhar a fim de atender as demandas escolares. Ser professor, especialmente durante a pandemia, exigiu dos docentes uma maior atenção às dificuldades dos alunos. Professora **F.** segue sua percepção acerca do trabalho docente trazendo os percalços vivenciados nas aulas remotas. Se percebia que havia muita preocupação por parte da coordenação pedagógica em que os professores mantivessem os alunos em aula para evitar a evasão escolar, no entanto, o preço para se manter esses alunos era bastante alto, pois as cobranças sobre os docentes passaram ser maiores. Ademais, a escola invadiu a vida privada do professor, uma vez que, era necessário construir um espaço para o trabalho em casa, precisando alterar toda a rotina da casa por conta do serviço. O Professor **G.** deixa claro a constante vigilância (Foucault, 1996) que recaiu sobre seu serviço naquele período:

[...] outras coisas eles não sabiam. Então assim, era... Foi assim, foi um começo muito conturbado. Eu lembro que logo depois a gente entrou em férias. E aí, quando a gente voltou das férias, mudou o ritmo. Da aula. Eu lembro que eles reduziram o cargo horário. Depois eles aumentaram para uma hora. E depois reduziram o cargo horário. Eu sei que foi uma loucura. Eu lembro que eu terminei um ano na escola devendo 120 horas. Eu saí devendo 120 horas. Eu dizia que eu ia pagar. Eu dizia que se eles me demitissem eu não ia pagar. Porque a gente todo mundo saiu devendo uma hora. Porque eles tiravam uma hora, colocavam uma hora. E ninguém sabia como ia. E aí, eu lembro que lá... Eu lembro muito claro que quando a gente dava aula lá, não podia ter um barulho em casa. Não podia. A internet não podia cair. Se a internet acelerasse, tipo, 30 segundos já era uma ligação. Por que a internet caiu? Então você era extremamente... E tu era vigiado. Tu não dava aula sozinho. Tu dava aula com alguém da coordenação, com alguém do TI te olhando. E caso acontecesse alguma coisa de internet, eles interferiam na aula. Então assim, tu não dava aula mais sozinho. Tu não dava aula para ti e para os alunos. Era para ti, para os alunos e para a coordenação inteira da escola. Cansamos de dar aula e a diretora entrava na aula. Ela não ligava a câmera, mas a gente olhava o nome dela. E ela ficava assistindo a aula. E assim, era o tempo todo. Então era muito... O início foi muito complicado. Muito, muito complicado. Até a gente se acostumar. Até a gente pegar o ritmo. Foi muito complicado (Professor G., 25 de junho de 2023).

Em casa os alunos percebiam essa mudança para o ambiente virtual com enormes ressalvas, principalmente pois não reconheciam aquele espaço como uma sala de aula. O Aluno **A.** esclareceu que estar num ambiente virtual, diante uma tela não representava uma aula, pois em sua opinião o virtual fragiliza a interação professor e aluno. O Aluno **A.** nos afirmou em seu depoimento que a falta de um maior controle da escola sobre suas atividades, enfraqueceu seu desempenho:

[...] principalmente porque a gente não tinha um contato muito direto com o professor. A gente era muito privado ao ambiente virtual, realmente, a essa coisa da

videoaula, etc, do celular. Porque também no meu caso, a cidade internet lá de casa era bem ruim. Eu não conseguia ter, pelo menos, uma continuidade no que o professor dizia. E também porque, no geral, não tinha uma fiscalização a respeito de saber se o aluno está prestando atenção ou não naquilo que está sendo dito na sala de aula. Porque as câmeras não eram obrigadas a ser ativadas, realmente. Então não tinha como ter um controle da atenção da sala de aula em relação ao que o professor dizia. Então, pra mim, aquilo não era uma aula. Era quase como se fosse uma gravação mesmo. Não tinha uma relação direta com o aluno (Aluno A., 16 de junho de 2023)

Aluno **A.** tentava estudar, construir uma rotina, mas era difícil, por conta da mudança para um novo espaço de aprendizagem, que ele não reconhecia como escolar. Havia essa negação a esse novo contexto, consequentemente não se reconhecia também as normas e regras que se colocavam naquele contexto.

Quando eu estava em casa eu assistia as aulas no horário certo. E eu tentava assimilar os conteúdos, realmente. Tentava praticar. Principalmente nas aulas de matemática, a gente perdeu bastante. A gente não teve professor de matemática até o segundo semestre. Aí quando a gente conseguiu um professor eu tentei exercitar realmente as aulas, etc. Mas no final do ano eu entrei no projeto da F1 (Aluno A., 16 de junho de 2023)

Não somente a Professora **F.**, mas outros professores tinham dificuldade de reconhecer e legitimar aquele espaço, enquanto local de ensino aprendizagem, exceto para o Professor **G.** com mais de 10 anos no exercício da docência reconhecia como uma sala de aula aquele ambiente de ensino-aprendizagem, pois tinha que estar fardado, equipado e tinha que ter respeito. Em outro momento o mesmo professor afirma que

[...] aquilo como uma sala de aula, porque ali tem que ter o respeito, você tem que estar todo adequado, tem que analisar as questões que você vai fazer, que é totalmente diferente de uma mesa digitalizadora aqui em sala de aula. Tem que passar os conteúdos. É uma sala de aula (Professor G., 25 de junho de 2023).

Interessante percebermos que o processo de legitimação do virtual enquanto local de aprendizagem era bastante contraditório para os docentes. Chegando alguns a nomear como “aquilo” por falta de palavra que pudesse expressar aquele novo contexto. Esse impasse também é dito pelo Professor **R.** que diz que

[...] ali era uma coisa que você criou, porque você tá dentro da casa do aluno, que não é uma sala de aula, é o espaço dele. Você tem todo o direito de respeitar esse espaço do aluno. Você tá na sua casa, que também não é uma sala de aula, mas é um local que você criou para administrar a aula. Tu tá entendendo? Agora, se ele estivesse dentro da escola, tudo bem, ele tá na sala de aula, na casa dele, mas aqui é uma sala de aula. Eu tô dentro da sala de aula.

Esse “não lugar” (Augé, 1994), esse local efêmero, passageiro, local com predomínio da solidão, é melhor detalhado pelo Professor **R.** que discute as diferenças entre estar no

presencial e no virtual como situações totalmente distintas e que os alunos não estavam preparados para essa nova realidade.

É com todo o material que você tem disponível, né, pra atender. Por exemplo, uma parte pedagógica, tá ali te orientando, entendeu? A tua dificuldade, porque nem todo mundo se adaptou logo a essa situação aí, entendeu? Agora, quando nós darmos aula aqui na escola, aí sim, aí a gente sentia ali o espaço de sala de aula. Porque você tava tendo uma orientação pedagógica, às vezes tinha quarta-feira que vem aqui e pensou, e aí o aluno tá entendendo, tá participando da aula, tu tem alguma dificuldade, tá percebendo alguma coisa, ó, aluno X tá assim, aluno A tá assim. Então eu vejo por esse viés. Agora, eu na minha casa é diferente. Porque, por exemplo, o aluno olhar no quadro seu, que quadro é aquele na sua parede ali, professor? Que quadro de quê? Um quadro de dama? Aí tu já tirava o foco. Entendeu? Ah, professor, ali no seu quarto tem uma colchinha bonita ali, que colchinha é aquela ali em tal, tu tá entendendo? Então aí eu acho que tirou um pouco essa característica da sala de aula (Professor R., 15 de junho de 2023).

Em meio a esse universo de incertezas os professores elaboraram estratégias que pudessem diminuir as constantes ausências e o rendimento cada vez mais baixo. O professor R. recorreu ao método socrático, baseado em instigar o aluno por meio de perguntas que pudessem despertar o interesse do aluno com auxílio do uso de vídeos. Professor R. esclareceu que essa prática proporcionou maior desenvolvimento durante as aulas e enfatizou que naquele momento a educação estava responsável por fixar as ideias discutidas pelo professor.

Conversando. Conversando. E aí, como foi esse período? Ah, professor, a gente tá se adaptando, não foi muito fácil porque tudo em casa, a gente fica monótono, a gente quer sair, a gente fica ansioso. Então, assim, pra mim, o papel da educação ali era tentar, pelo menos, não só passar esse conteúdo, mas colocar a ideia que eu queria que eles aprendessem. Mesmo naquela condição que eles tinham, porque eles tinham outra opção. A opção era aquela. Dele entender o conteúdo a partir dali. Daí, porque eu criei essa questão da prática, do retorno. Tipo, maiêutica, ele me dá esse retorno. Aí, sim, ele tá entendendo o que eu tô coletando pra ele. Agora, o que me ajudou muito, passar muitos vídeos do assunto, como eu coloquei ainda agora, porque o aluno criava a sua ideia a partir dali, quero que vocês saibam. Então, a educação, na minha concepção, ela é a partir da prática imediata. Usando o que? método socrático, porque como é filosofia, eu caminhei muito por esse lado aí. É assim, de saber, assim, ele tá me dando aquele retorno. Entende? (Professor R., 15 de junho de 2023).

Por várias vezes os entrevistados questionaram qual seria o papel do professor naquele ano de 2021. Em meio às incertezas diante o novo espaço, se questiona a função docente. O Aluno R. afirma que:

[...] o trabalho do professor, eu acho que é o papel mais crucial que existe dentro da sala de aula, porque o professor, além dele já ter vivenciado, ter experienciado aquilo que a gente já está vivendo, ele ainda pode instruir a gente a seguir um caminho que, por alguma aventura, ele não pôde realizar antes. Que não foi realizado por ele, que pode ser assim, mas de uma maneira mais corretamente, como se ele instrísse a gente a seguir o caminho certo (Aluno R., 10 de junho de 2023).

O Aluno **R.** destaca algo bastante relevante que é ouvido durante todas as entrevistas. Que a partir daquele momento cabia ao professor determinar um “caminho certo” para o aluno, mas será que esse novo caminho, o professor saberia trilhar? Qual seria essa nova direção? Quais seriam os parâmetros?

Em meio a nova configuração desse espaço escolar. As relações professor e aluno se modificaram a fim de atender às novas demandas, que consistiam em auxiliar os alunos a aprenderem os conteúdos e evitar a evasão escolar. Sobre essas interações entre professor e aluno seguem algumas análises.

3.2 Interações professor e aluno.

Pra mim, eu não podia recorrer a nenhuma função da escola diretamente. Porque eu não tava na escola. Então, o principal mecanismo de interação da escola com a gente era através do Teams, né? Da plataforma. Do funcionamento da plataforma. Então, o objetivo principal da escola é bem útil. Pelo menos, acho que seria de manter realmente o funcionamento das plataformas. A internet dos professores, no geral. Pra evitar interferência, etc. Mas com relação à participação da escola mesmo. Nosso desempenho escolar. De forma remota, eu não vejo nenhuma. Porque, pelo menos a partir dos períodos presenciais. A maneira que a escola tem de auxiliar os alunos, é realmente através do auxílio psicológico. Através das palestras com os pais, etc. Através dos comunicados. E nada disso poderia ser exercido naquela época. Então, o papel da escola foi bem banalizado (Aluno A., 16 de junho de 2023).

Pode-se desprender a partir do trecho acima que a interação social naquele momento era mediada por uma tela, no caso do SESI, a plataforma *Teams*, segundo o Aluno **A.** a escola se faria presente e atuante por meio dessa plataforma digital, a fim de mediar as comunicações. Ademais, quando se interrogava se poderia se perceber aquele espaço como local de interação, a Aluna **C.** compreendia que não, pois segundo sua compreensão a interação se exige a presença física e naquele momento não tínhamos nada disso. Sobre isso ela afirma:

Era muito baixa naquela época, no período online, no caso. Sim. Era muito baixa, porque a gente só se comunicava ali na aula, o professor dava, a gente apresentava alguma coisa e tal, ficava ali naquele negócio, mas nunca uma interação, tipo, e aí o professor começou a estar, como a gente tem aqui hoje em dia, quando o senhor passa no corredor, eu passo no corredor. Não tinha essa interação, entendeu? Era o professor da verbal e eu no caminho, entendeu? (Aluna C., 23 de junho de 2023).

Mais adiante o Aluno **T.** corrobora com o pensamento da aluna anterior, em afirmar que naquele espaço não havia interação social que se compreendia somente como lugar meramente para assistir uma aula e nada mais.

Não era uma das melhores, não, eu falava pouco com eles e não tinha tipo assim, não sei, algumas vezes eu ficava muito tímido para falar pelo chat, até pelo chat privado, perguntando alguma coisa, mas era, naquele ano era terrível. Antes da pandemia, eu

já não falava muito, daí com a pandemia piorou, porque eu falei quase nada com eles.
(Aluno T., 23 de junho de 2023).

Sobre essas interações o Professor M. nos diz que além de se preocupar em ministrar os conteúdos, ele passou a se preocupar com o bem-estar emocional, então em suas aulas reservava um tempo para ouvi-los, saber como estavam emocionalmente e oferecer alguma palavra de conforto ou ânimo. Segue um relato interessante acerca daquele momento de acordo com a ótica do Professor M.:

[...] e aí o professor precisa ter uma relação até limitada para não gerar qualquer má interpretação com os alunos, mas na pandemia eu tive contatos, é claro, virtualmente com alguns alunos sobre a sua situação em casa. Como foi dito aqui no início, que muitas casas, muitas famílias vieram a se separar por causa das restrições pandêmicas. Alguns maridos vieram a discutir mais em casa, as mulheres também discutiam mais com os maridos, às vezes uma louça não lavada, às vezes uma tarefa não feita, não realizada. Isso gerava briga, desentendimento, o aluno ou a criança via aquilo, se entristecia, consequência nos seus estudos, não dava prioridade nos seus estudos. Então a gente acaba recebendo esse aluno desse jeito, com muitas pancadas. Então acabou-se que muitas vezes eu tive que parar, ou então, pessoal, muito obrigado, eu queria só que fulano de tal ficasse em sala para eu bater um papo com ele. Aí a turma, mas na verdade não era nenhuma bronca, era mais para saber, o que está acontecendo? Está tudo bem na tua casa? Está acontecendo alguma coisa que está impactando no teu aprendizado? Pode falar comigo e tal. E esses alunos são lá, pessoal, está acontecendo isso, minha mãe e meu pai estão brigando muito, e eu estou sem cabeça para pensar, não quero, estou sem ânimo de estudar, estou falando sério, se eu passo a atividade eu me esforço para fazer, mas eu não estou afim de fazer, não quero, porque eu não tenho vontade, vejo minha mãe chorando, vejo meu pai chorando. Então teve isso na pandemia, teve esse contato com muitos alunos, quando não, não era por parte que eu identificava, às vezes você dava aula lá de modo que sua câmera ligada e a deles desligada, então você não estava vendo o que estava acontecendo, se esse aluno estava triste, não olhava dentro dos olhos, então você acabava se restringindo apenas um sinal, dizendo que estava em sala de aula, e o aluno mesmo dizia, professor, eu queria conversar com o senhor particular, pode ser e tal, então às vezes era do aluno para o professor, e não do professor para o aluno, tinha essa abertura, ou então quando o aluno, às vezes não era nenhum problema em casa, eu era sentindo dificuldade em determinada matéria, o professor queria que o senhor passasse uma lista nisso (Professor M., 28 de junho de 2023).

O emocional constantemente abalado pela pandemia, a completa mudança de espaço, os novos arranjos e estratégias a fim de mediar as aulas, o medo que pairava sobre todos, todos esses elementos recolocaram o trabalho docente para outro lugar. Um lugar desconhecido, sem nome, mas que precisava ser desbravado por todos. Era impossível deixar passar despercebido todas essas mudanças e dizer que elas não alterariam as relações sociais entre professor e aluno. A Aluna M. ressalta que durante as aulas percebia que o professor a exaustão dos professores diante aquela nova realidade. O cansaço era notório e o esforço para ministrar aulas era hercúleo. A Aluna M. retrata esse cansaço docente visto durante as aulas:

[...] eu percebi que era muito estressante para o professor porque tinha um misto de que eles não estavam acostumados a ensinar daquela forma. Então, eu percebi que

eles tinham que se reorganizar de uma forma completamente diferente para conseguir dar aula. Tiveram que reorganizar o ambiente de trabalho deles, que era a casa deles, para conseguir fazer a aula funcionar. É como se eles tivessem se reinventado e anexado diferentes profissões à profissão pré-existente, que é a de professor. Como de técnico de informática, de algumas vezes até conselheiro, porque Querendo ou não foi uma época muito difícil, e tinha até uma professora específica que ela tinha que conciliar o filho dela, que estava doente, ou com as aulas. Então, algumas vezes o filho dela, como uma criança doente, ele vinha de vez em quando e era muito difícil para ela conciliar tudo isso. Então, eu percebi que inserir o contexto do trabalho no ambiente que não era conectado ao trabalho foi algo que prejudicou os laços sociais e até técnicos profissionais dele, de algumas outras formas (Aluna M., 11 de junho de 2023).

Em outro trecho essa interação do professor com os alunos era retratado com grande pesar por parte da Aluna M. que afirma que era notório que eles estavam “deprimidos” por conta daquela baixa interação. Claro que seria impossível não estar exaurido diante aquele momento. O “descaso” por parte de alguns alunos, que preferiam jogar ou dormir durante as aulas revela-nos que naquele momento a interação era cada vez mais deficiente:

[...] porque tinha professor que estava claramente deprimido porque a interação que a gente tem numa sala de aula não é a mesma interação que a gente tem numa aula remota. Então, tinha vezes que o professor perguntava alguma coisa e ele não recebia retorno porque normalmente as pessoas não prestavam atenção, estava o domingo, tinha gente que jogava e isso dava a impressão de que eles estavam falando sozinhos e era perceptível que eles ficavam tristes com isso, sabe? (Aluna M., 11 de junho de 2023)

O trabalho docente vivido naquele ano de 2021 aponta para os futuros desafios que os professores irão enfrentar. No ano vigente algo já percebido é o aumento da violência escolar. O alto índice tem sido estudado Abramovay *et al.* (2022) que traz algumas informações acerca das possíveis associações entre escola, violência e pandemia.

3.3 Desafios escolares “Pós-Pandemia”

Em alguns artigos se chama o atual cenário de “pós-pandemia”, no entanto, tal nomenclatura não é consenso, principalmente pois segundo a OMS¹⁵ a pandemia ainda persiste, não vivemos a emergência global, mas o vírus circula e pode vir a ocasionar outros surtos. Optamos por chamar de cenário “pós-pandemia” pois o termo tem se popularizado bastante e deixaremos a problematização acerca dessa categoria para outro momento.

O Professor M. acredita que a escola depois de ter vivenciado a pandemia necessitou assumir novas responsabilidades:

¹⁵ Em 5 de maio de 2023, a OMS declarou em Genebra, Suíça, o fim da Emergência de Saúde Pública e de Importância Internacional (ESPII) referente à COVID-19.

[...] pode ser que eu esteja tirando uma conclusão errada, mas ela pode ter um desempenho menor, comparada com uma escola que ela tem outras vantagens, uma área esportiva, uma sala de robótica, uma sala de informática, uma biblioteca, uma área de make, de criação, uma área onde ele pode dotar, ou aprender determinadas ferramentas, sejam trabalhistas, aprender a mexer nisso, que vai funcionar como uma segunda fonte de renda, e eu aprendi isso na escola, por exemplo, oficinas de pão, para fazer pão, oficinas para fazer doces, e eu acho que a escola precisa pensar nesse eixo, não é financeiro ou empreendedor, mas pensar que o aluno pode estar ali na escola, e ter prazer de que ele vai aprender algo que vai servir para ele lá na frente, não só aquilo que ele aprendeu numa aula de sociologia, de física ou de química. Eu acho que o mundo pós-pandêmico, a escola precisa ter essas linhas dentro dela, estruturalmente. Emocionalmente, uma escola, é essencial ela ter, muitas de São Luís tem, outras não tem, é ter o que nós chamamos aqui na instituição do NAI, uma pessoa específica para trabalhar a parte psicológica, emocional dos nossos alunos. Aqui na escola nós temos alunos que perderam mãe, nós temos alunos que perderam pais, e muitas vezes esse aluno, ele não evolui em sala, e às vezes o professor, por não entender esse lado, ele quer reprovar, ele quer fazer alguma coisa do tipo, porque esse aluno não está numa devolutiva. Então, precisa entender o lado do aluno. Então, se a escola tiver esse amparo estrutural e também emocional, de saber que o aluno, ele também passa lutas emocionais que foram geradas também, contribuintemente também pela pandemia, eu vejo que a escola vai se tornar um lugar formidável para os nossos alunos viverem. De chegar de manhã e dizer assim, eu vou para a escola, e ter prazer de estar aqui. Como eu já ouvi muitos alunos que já saíram daqui e dizer, graças a Deus que eu saí dessa escola. E outros que eu já ouvi também aqui dizer, eu não queria que ia acabar, eu queria mais um ano. Então, a gente percebe duas vertentes. Uns que não tiveram prazer de estar aqui, outros que tem prazer de estar e querem continuar. Então, isso pode ir de aluno para aluno ou pode ir de instituição para instituição. Então, eu vejo que pós pandemia, a escola precisa se despertar nisso. Nós estamos vivendo e vivenciando um mundo onde muitos dos nossos adolescentes são frágeis emocionalmente. Não estão preparados para receber não. E não estão preparados para decepção, seja emocional, seja profissional, seja psicológico. Não estão. E uma das fragilidades foi a pandemia e a outra, paz, educação. Então, é isso (Professor M., 19 de junho de 2023).

O Professor V. enfatizou que a escola precisava se tornar cada vez mais tecnológica, com o uso mais presente de ferramentas digitais mais integradas a sala de aula a fim de amenizar futuras situações preocupantes como vivenciadas durante a pandemia.

Eu vejo assim que, diante desse cenário, a escola, a cada dia que passa, tem que buscar formas e práticas mais tecnológicas. Mas eu vejo que a tecnologia mostrou que ela veio para ficar. Porque, por exemplo, se nós estivéssemos num período de pandemia, mas que, por exemplo, na década de 90, que a internet não era tão acessível, como é que a gente teria aula? Eu acho que ia ser um problema muito grande. Uma pandemia na década de 80, 90, que os alunos tivessem possibilidade de vir para a escola, eu acho que a educação ia travar ali naquele momento. Eu vejo que a questão tecnológica é algo que precisa estar sendo trabalhado nas escolas. Eu acho que eu vejo um ponto muito bom. (Professor V., 29 de junho de 2023).

O Professor V. esclareceu que diante o cenário pandêmico não caberia mais ao professor ficar somente num esquema de aula sem haver relações transdisciplinares. Que devido o ocorrido, caberia agora torna-se um professor-pesquisador, capaz de realizar uma extensa curadoria a fim de atender as demandas trazidas pelos alunos, cada vez mais tecnológicos.

O aluno precisa desenvolver competências e habilidades que colocam dentro do processo e não à margem de tudo isso. O aluno precisa ser esclarecido em todos os momentos, todas as fases que ele está passando dentro da sala de aula. O professor deve ser um professor pesquisador e cientista. Porque nada está amarrado, nada está fechado. Tudo está em processo de transformação. Os alunos mudaram, os professores tiveram que mudar. E eles estão mudados também. A escola, independente de ser física ou não, ela existe. E professores devem estar atentos a essas transformações. Se o papel do professor talvez vir em insegurança por conta que as pessoas têm acesso a muitas informações o tempo todo, mas a sociedade esquece que precisa de alguém para selecionar e organizar esses múltiplos conteúdos, esses hipertextos que esses alunos têm acesso. Portanto, o papel desse professor é mediar, é ser tutor do conhecimento, entender que ele não é um fragmento, mas que ele faz parte de um todo. Não existe mais um trabalho individual, agora é um trabalho trans. Na verdade, é transdisciplinar, não é mais inter. O aluno fica assustado quando olha um conteúdo, digamos, de língua portuguesa em matemática. Ou se assusta quando olha um de química em uma aula de português. O professor precisa ter esse domínio claro de tudo que está ao seu redor. Até porque o conteúdo não chegou fragmentado, o conteúdo faz parte de um todo e requer desse professor uma investigação completa de tudo que ele vai colocar em sala de aula. Porque ele tem que entender também que o aluno pode trazer muitas informações e pode colocá-lo em uma situação muito delicada, que ele não entende, ele não sabe e ele não tem domínio daquilo que ele está falando. Porque ele só foi para aquele beabá, aquele superficial, ele não mergulha no conteúdo. E hoje é muito fácil um aluno chegar com o celular e saber se o professor está mentindo ou não. Ou trazer algumas outras coisas que talvez não tenham nada a ver com o tema, mas se o professor for mediador e pesquisador, ele vai saber mediar muito bem tudo ou esclarecer isso de uma forma tranquila e que o aluno entenda e não se sinta humilhado pelo professor ou o professor não se sinta mal por isso (Professor S., 14 de junho de 2023).

A Aluna J. trouxe-nos um excelente relato da sua vivência escolar durante a pandemia, mas nos alertou sua constante preocupação com o cuidado com o outro, uma vez que, o vírus permanece na atmosfera, diante esse medo inerente cabe a cada indivíduo o respeito às medidas de higiene sanitária e as incertezas que se colocam perante ao novo cenário pós-pandêmico.

Agora, pelo menos para mim, acho que a única modificação que farei será mais com relação ao cuidado. Tanto do aluno quanto do professor. Porque querendo ou não, a gente tem aquele receio de pegar ainda. Por mais que tenha vacinado todas as doses que foram colocadas, a gente ainda tem aquele receio de pegar. Porque ainda está circulando. E dentro da escola é o lugar que a gente tem mais contato. Aquele aglomerado de alunos, no intervalo, na saída, na entrada, dentro de sala de aula principalmente. Que é um ambiente bem fechado. Trinta e poucos alunos dentro de uma sala. O professor lá. Ninguém tem amigo. Então tem que ter esse cuidado. Por mais que não use máscara, nós temos que ter na cabeça. A gente está em um período, está saindo uma pandemia que levou muitas pessoas. E tem pessoas que sofrem até hoje com as consequências dessa doença. Tem gente que até hoje não consegue sentir o cheiro direito. Não sabe se aquilo ali foi realmente da covid ou se foi de outra coisa. Ainda tem a dúvida. Tem idoso, por exemplo. Que não pegaram somente a covid, mas tem outras doenças já deles mesmo. Pegaram, tem as sequelas da doença que eles estavam, da covid e mais de outra possível que pode aparecer. E aí, como fica? A gente, adolescente, pensa que a gente é imune. É de ferro, não vai pegar nada. Só que tem que ter esse cuidado. Porque dentro de casa tem alguém que pode pegar. E a gente pode não sentir, como tinha na covid. Tem as pessoas que sentem os sintomas e tem gente que não sente. É tão tal que aqui na escola tinha restrição. Era justamente por conta disso. Porque muitos alunos poderiam ter pegado, só que não iam saber. Ah, não fiz o teste. Mas e aí? Será se eu tô? Será se eu vou atrás? Não tinha essa preocupação toda. E aí, acabava que ficava circulando. Ah, me dá, por exemplo... A gente não podia compartilhar o objeto. Garrafa, como vi muito, muito hoje. Ah, me

dá essa garrafa, beber ali rapidão. Ah, me dá teu copo. A gente não tem mais esse cuidado que tinha antes. E aí, dentro da escola, o que a gente poderia estar mais buscando para evitar que possivelmente retorne uma onda, pelo menos dentro das escolas, dessa doença, era mais a conscientização dos alunos. E da escola buscar conscientizar, seja com informativo na parede ou então palestra. Porque isso aí não é algo que acabou. Ainda está circulando. Por mais que não se fale mais como era antigamente, que estava todos os dias jornais. Ah, tantas pessoas morreram. Ah, aumentou o caso. Ah, parou. Parou, beleza, mas ainda está circulando. E aí tu vai ficar de mão atada, vai deixar acontecer. E aí, como é que fica? E se tu pegar? Aí tu vai levar para o teu ambiente de trabalho, para o lugar que tu estuda, vai passar para outras pessoas, vai passar para outras pessoas mais ainda, e aí vai voltar tudo ao normal. O normal não (Aluna J., 14 de junho de 2023).

Sobre o trabalho docente recaiu a “obrigatoriedade” de lidar com as emoções dos alunos e possuir um maior manejo das ferramentas digitais. Esse período de isolamento social trouxe muitos problemas emocionais e isso repercutiu em sala de aula. Ademais, esses conflitos se tornaram cada vez mais presentes e mais difíceis de mediar. A seguir trazemos uma discussão acerca desses conflitos e como os mesmos foram debatidos e parcialmente solucionados.

3.3.1 Conflitos escolares

Os conflitos escolares nos últimos anos têm crescido, especialmente no ano de 2023, as pesquisas acerca dessas situações ainda são poucas, se observou uma carência nesse campo de estudo, possivelmente pois ainda se mostra um assunto recente. Durante o ano de 2023 presenciei na Escola SESI São Luís - Anexo conflitos entre alunos e/ou professor-aluno todos ocorridos dentro da instituição escolar. Esses confrontos se desdobraram em advertências e punições disciplinares.

O espaço escolar constrói diversos saberes, conhecimentos, dispositivos, escutas, tal espaço segundo Goffman (2012) é a mediação de práticas sociais imbuídas de contradição. O espaço físico representa um ambiente marcado por dinâmicas de seleção, de distribuição e de acomodação, que “afetam” as relações dos seres humanos com o espaço e com o tempo. Aqui tratamos do espaço escolar, enquanto local de elaboração de conhecimentos, por muitas vezes atacados especialmente nos últimos dois anos.

3.3.1.1 Os modelos conscientes e a nova realidade pandêmica

No entanto nos anos de 2019-2022 vivemos a pandemia da Covid-19 situação desafiadora que recordo com amargura. Recordo que me dei conta da situação endêmica quando os meses foram se passando e um dos meus únicos lazeres estava proibido. Não podia ir mais

ao cinema, naquele momento percebi que minha vida mudaria completamente e minha liberdade estava limitada à minha casa. Se percebeu que os modelos conscientes (Lévi-Strauss, 2008), geralmente chamados de “normas”, estavam em mudança, pois era necessária uma alteração à nova realidade. Entre essas mudanças, sair de casa para ir à missa aos domingos, não seria mais possível, a Covid-19 passava a ditar novos modelos conscientes. Aulas remotas constituíam a minha nova rotina com a instauração da pandemia, os meses se passavam e a situação não melhorava, o número de óbitos era crescente.

O novo ano letivo de 2023 inicia com inúmeras expectativas renovadas, não precisávamos mais usar máscaras, as aulas são totalmente presenciais. Em 3 de março de 2023 a OMS decreta o fim da emergência global, no entanto, a epidemia permanece no mundo e os cuidados são necessários.

O tempo e o espaço (Lévi-Strauss, 2008) são 2 (dois) sistemas de referência que permitem pensar as relações sociais, sejam elas em conjunto ou separadamente. Estar numa “sala de aula” virtual configura um tempo “social” e um espaço “social” totalmente diferente do presencial, pois as relações virtuais são menos densas (Goffman, 2012) que em outros espaços. Naquele espaço era possível notar alunos silenciosos, calados e observadores. Naquele “microespaço” cabia ao professor elaborar dinâmicas que fossem capazes de atrair a atenção dos alunos ao ensino.

Aos poucos os alunos foram interagindo entre si e estabelecendo laços, quando eu perguntava sobre a pandemia, a fim de saber como eles analisavam tudo que haviam vivido, a maioria respondia que não lembrava. Ficava em mim a seguinte dúvida: Não recordava de fato do período pandêmico? Ou não desejavam falar? Nunca obtive uma resposta, ainda hoje paira esta dúvida.

3.3.1.2 Entre silêncios, tabus e conflitos escolares: a preservação da estrutura escolar

O começo do ano letivo de 2023, no Brasil, foi marcado com diversos acontecimentos trágicos, por exemplo o assassinato brutal da Professora Elisabeth, 71 anos, esfaqueada pelas costas, por seu aluno do 7º ano, em São Paulo. Depois do ocorrido outros eventos da mesma espécie passaram a acontecer no Brasil. Em meados de maio de 2023 se divulgou nas mídias sociais, que haveria um massacre das escolas, o pânico se espalhou, não se ouvia outro assunto nas salas de aulas, mas felizmente nada ocorreu.

Na escola que leciono, situações de conflito se desencadearam após esses eventos nacionais, sem necessariamente haver uma direta ligação com os mesmos. Os conflitos

escolares na pós-pandemia se tornaram mais frequentes, pesquisas estão sendo elaboradas e os resultados são incipientes, no entanto, Abromovay (2003) acredita que grande parte desses conflitos nas instituições escolares tem ocorrido devido ao longo período de confinamento, período este que muitos alunos passaram diante a tela dos celulares assistindo constantes cenas de violência virtual, e talvez em casa, uma vez, que durante a pandemia o número de violências domésticas aumentou grandemente.

Entre os conflitos ocorridos no interior da escola, ressalto as seguintes situações. Em abril de 2023 um aluno do 1º ano matutino da escola SESI São Luís - Anexo teve encontrado em sua bolsa um projétil de bala, a fim de ameaçar um outro aluno da mesma sala por difamações que estava recebendo. Segundo algumas conversas com professores, o aluno levou para a escola este projétil para coibir novas ameaças de *bullying*, a fim de intimidar seu agressor, ele retirou da bolsa e mostrou ao outro aluno, essa situação gerou inúmeros comentários sobre esse comportamento. Já no 3º ano do ensino médio uma briga física entre um aluno e uma aluna resultou na expulsão da aluna, pois a mesma agrediu fisicamente o aluno com uma caneta e quebrou os óculos. Segundo relatos de alguns professores, a motivação seria importunação sexual, mas outros professores, afirmaram que a aluna consentia com essas “brincadeiras”, ouvindo outros docentes a aluna se descontrolou depois de tantas provocações e piadas sobre seu corpo, e num rompante de raiva perfurou o aluno com a caneta em seguida arrancando os óculos dele. Por fim, novamente no 1º ano do ensino médio, dois alunos foram acusados de “brincar” com fogo e uma faísca pegou no cabelo de uma aluna, resultando na transferência dos alunos.

O “brincar” dito tantas vezes por esses alunos durante sua fala e escutado pelas coordenadoras pedagógicas simboliza um eufemismo a real relevância da rebelião (Gluckman, 2011), a negação ao conflito somente fortalece os símbolos que o mantém.

O interessante desses conflitos é que tudo é comentado no sigilo, como se houvesse uma interdição em comentar esses assuntos, praticamente um tabu, há um silenciamento desses conflitos escolares, essas vagas informações me foram ditas entre corredores e no intervalo, de modo rápido a fim de evitar que outros não escutassem.

O silêncio denuncia a necessidade da instituição na manutenção das estruturas sociais que regem a escola. O silêncio garante a estrutura e manutenção da ordem, consequentemente evita a possibilidade de contágio, à medida que, comentar sobre estes conflitos representaria uma ameaça ao “sagrado” (Hertz, 1980) instruído na escola. Este sagrado representa uma escola sem conflitos e cujos alunos seguem todas as orientações educacionais. Por fim, através de Dumont (1993) ressaltamos a perspectiva hierárquica, cujas partes se relacionam de forma

interdependente e subordinadas ao todo, trazendo essa perspectiva para o espaço escolar as ações exercidas por professores e alunos durante um conflito estão subordinadas ao todo, ao mesmo tempo a manutenção da ordem e em um outro nível, a contradição representada pelos conflitos, constroem uma identidade escolar essa associação se alinha a categoria de “englobamento do contrário” (Dumont, 1993).

Os conflitos sociais no contexto escolar pós-pandêmico revelam a necessidade de abrir espaço de diálogo acerca desses eventos a fim de compreender suas múltiplas representações. Reconhecer a influência dos conflitos na escola ajudaria a solucionar e prevenir possíveis ataques. Cabe salientar o caráter pedagógico do conflito, pois são elementos de transformação social. O meu interesse ao desvelar esses conflitos não estaria em encontrar culpados pela indisciplina escolar, mas trazê-los ao destaque, uma vez que eles possuem grande importância em suas ações simbólicas nas estruturas (Lévi-Strauss, 2008) de acordo com suas respectivas funções (Radcliffe-Brown, 2013) para a existência da Escola SESI São Luís - Anexo. Ademais, cabe salientar que essas considerações sobre a violência escolar possibilitam pensarmos sobre algumas questões, como: Qual novo cenário educacional se abre após o fim da pandemia? Quais os novos arranjos sociais serão traçados entre professor e aluno? Quais medidas precisam ser tomadas para mediar de maneira eficaz os conflitos escolares? Por fim, a partir dessas indagações buscou evidenciar o acentuado aumento dos conflitos escolares possivelmente decorrentes após a Covid-19 e abrir um novo diálogo sobre essa escola que ressurgiu depois deste período endêmico, repleta de novos ritos, símbolos e funções.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que as questões sobre o trabalho docente já são problematizadas a décadas, com a chegada da pandemia da Covid-19, as desigualdades sociais, já discutidas amplamente no Brasil, se aprofundaram, uma vez que, a pandemia evidenciou a dificuldade de acesso a *internet* por grande parte dos alunos. Em meio as disparidades sociais, o professor foi transposto a um novo ambiente virtual, a uma “sala de aula” completamente diferente daquela que ele foi ensinando a manusear e nesse novo local precisou reunir conhecimentos tecnológicos, capazes de aproximá-lo dos alunos.

O trabalho docente pandêmico emergiu diante uma tela de computador, levando a casa do professor para a sala de aula, sua privacidade foi invadida, sua estante de livros, seus quadros, porta-retratos, se tornaram cenário para o exercício do seu trabalho, ou seja, sua intimidade entrou em cena durante as aulas, sendo às vezes, motivo de indagação dos alunos: “professor, quem é aquela pessoa passando atrás do senhor?”, “tio, há uma criança batendo na sua porta” essas foram algumas das frases que ouvíamos durante as aulas.

O professor já não conseguia distinguir trabalho, família, amigos, casa, religião. As aulas por vezes, mudavam de assunto, às vezes se sentia a necessidade de conversar com os alunos como eles estavam vivenciando a pandemia, logo a aula, que tradicionalmente costumava possuir um conteúdo programático definido pela LDB, se transformava num momento de escuta, colocar uma música, ouvir suas preocupações e acreditar que aquele momento ruim iria passar.

Por essa dissertação podemos considerar que o trabalho docente vivenciou novas configurações, por conta da pandemia da Covid-19, o professor precisou elaborar um repertório tecnológico que fosse capaz de não deixar os alunos se distanciarem da escola. Ademais seu trabalho passou a ser observado e às vezes criticado por mais pessoas, era o tio do aluno, o avô ou o pai que estava em sala e ouvia algo sem se atentar ao contexto da aula e já ligava na escola para reclamar do professor.

Esse professor experienciado pela pandemia da Covid-19 precisou acolher essas críticas e por vezes somente silenciar, por receio de alguma advertência, logo sua saúde mental foi fragilizada em decorrência das inúmeras cobranças.

O trabalho docente pandêmico representou uma experiência bastante dolorosa para todos os docentes entrevistados, que por vezes, se viam num completo escuro tentando encontrar soluções rápidas para não perder os alunos. Essa pesquisa preocupou-se em mostrar

esses percalços e apontar para novos desafios, entre eles, o maior cuidado com a saúde mental, a valorização do professor e o enfrentamento às violências escolares.

A dissertação discutida encontrou dificuldades principalmente nos momentos das entrevistas, por várias vezes, os entrevistados não queriam rememorar o passado, pois envolvia perdas de familiares ou porque foram acometidos pela Covid-19, os silêncios entre uma resposta e outra eram frequentes. Em outros momentos alguns entrevistados se recusaram a comentar sobre suas estratégias pedagógicas criando uma lacuna na pesquisa. Essa recusa talvez tenha ocorrido por vergonha ou receio de algum julgamento sobre sua prática docente, por mais que fosse dito que seria mantido o anonimato.

Pelo exposto, infere-se que o trabalho docente encontra-se em constante mudança, as tecnologias perduram e cabe ao professor trazê-las mais ainda para a sala de aula, os alunos já não escrevem no papel, preferem quase tudo digital, mapas mentais, fichamentos, simulados, livros são todos virtuais, esse crescente uso de telas se consolidam nas escolas brasileiras.

Outro ponto importante, são as violências escolares, por meses os alunos viveram em completo confinamento social, e com o retorno às salas de aula presencial, sentimentos antes reprimidos passaram a ser externados, no entanto, pode-se perceber que esses sentimentos foram expostos através da aversão às normas escolares resultando em discussões com outros alunos e até com professores. Desse modo, o trabalho docente pós-pandêmico possui diante de si dois desafios: mediar o uso das tecnologias, discutindo com a escola os benefícios e os malefícios da permanência do virtual dentro da sala de aula e elaborar ações de enfrentamento a violência escolar a fim de construir um ambiente mais saudável para todos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. **Escola e violência**. Brasília, DF: UNESCO no Brasil, 2003.
- ABRAMOVAY, M. *et al.* Trajetórias/práticas juvenis em tempos de pandemia da Covid-19. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO Y CARIBEÑO DE CIENCIAS SOCIALES, 5., 2022, Uruguai. **Anais [...]**. Uruguai: FLACSO Uruguay, 2022. Disponível em: <https://flacso.edu.uy/web/congreso/wp-content/uploads/2023/05/EJE50010062.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2024.
- ALMEIDA FILHO, N. de. Pandemia exige união das ciências brasileiras. **El País**, 17 jun. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opinion/2020-06-17/pandemia-exige-uniao-das-ciencias-brasile>. Acesso em: 5 set. 2023.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 2002.
- ANTUNES, R.; PINTO, G. A. **A fábrica da educação**: da especialização taylorista à flexibilização toyotista. São Paulo: Cortez, 2017.
- ARAÚJO FILHO, D. S. O ensino de sociologia através da confecção de panfletos virtuais. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL EM PERNAMBUCO, 8., 2022, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <https://mail.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/83812>. Acesso em: 27 dez. 2023.
- AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papius, 1994.
- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BOCCACCIO, G. **Decameron**. 1. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.
- BOURDIEU, P. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRASIL. Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. **Diário Oficial da União**, 7 fev. 2020a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13979.htm. Acesso em: 5 jun. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP nº 2, de 10 de dezembro de 2020. Institui Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação dos dispositivos da Lei nº

14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas pelos sistemas de ensino, instituições e redes escolares, públicas, privadas, comunitárias e confessionais, durante o estado de calamidade reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. **Diário Oficial da União**, 2020b. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECPN22020.pdf?query=obrigatoriedade. Acesso em: 5 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP nº 2, de 5 de agosto de 2021. Institui Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação de medidas no retorno à presencialidade das atividades de ensino e aprendizagem e para a regularização do calendário escolar. **Diário Oficial da União**, 6 ago. 2021. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-2-de-5-de-agosto-de-2021-336647801>. Acesso em: 5 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 2, de 1 de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. **Diário Oficial da União**, 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>. Acesso em: 5 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. “Saúde mental no trabalho” é tema do Dia Mundial da Saúde Mental 2017, comemorado em 10 de outubro. **Biblioteca virtual em saúde**, out. 2017. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/saude-mental-no-trabalho-e-tema-do-dia-mundial-da-saude-mental-2017-comemorado-em-10-de-outubro/>. Acesso em: 5 jun. 2023.

CAMPOS, B. Caixa deve receber 2,5 milhões de pessoas por dia até 13 de junho. **Uol Notícias**, 18 maio 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/05/18/caixa-deve-receber-25-milhoes-de-pessoas-por-dia-ate-13-de-junho.htm>. Acesso em: 25 abr. 2023.

CHAVEZ, C. Save the date: it’s time to change how we collaborate using Microsoft Teams. **Perficient**, 22 out. 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/ynb87s27iras.html>. Acesso em: 18 jun. 2020.

CHIN, A. *et al.* Anthropocene in an age of pandemics. **Anthropocene**, n. 30, p. 100247, jun. 2020. DOI: 10.1016/j.ancene.2020.100247. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7233237/>. Acesso em: 5 mar. 2022.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. tradução de Adail Sobral. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E CARIBE. Estudio económico de América Latina y el Caribe: principales condicionantes de las políticas fiscal y monetaria en la era pospandemia de Covid-19. **CEPAL**, out. 2020. Disponível em: <https://www.cepal.org/es/publicaciones/46070-estudio-economico-america-latina-caribe-2020-principales-condicionantes>. Acesso em: 5 mar. 2023.

CONDE, T. R. B. M. *et al.* Lições da pandemia sobre o uso das tecnologias digitais: percepções de professores de matemática. **Educação: teoria e prática**, São Paulo, v. 34, n. 67, p. 1-16, 2023.

CURY, C. R. J. Educação escolar e pandemia. **Pedagogia em ação**, v. 13, n. 1, p. 8-16, 2020.

DIAS, A.; SÔNEGO, F. Educação em tempos de pandemia: como fica a saúde mental dos professores. **Gavagai: Revista Interdisciplinar de Humanidades**, v. 9, n. 1, p. 67-84, 30 nov. 2022.

DUMONT, L. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DURKHEIM, E. **The Division of Labour in Society**. Nova York: [S.n.], 1960.

ENGUITA, M. F. A ambiguidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarianização. **Teoria e Educação**, n. 4, p. 41-61, Porto Alegre, 1991. Disponível em: https://www.academia.edu/6406308/A_ambigu_edade_da_doce_ncia_entre_o_profissionalis_mo_e_a_proletarizac_ao_T_and_E_4_1991_. Acesso em: 18 jan. 2023.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

FREHSE, F. Concepts of Space. In: LENZ, K.; HETTLAGE, R. (ed). **Goffman-Handbuch: Leben – Werk – Wirkung**. Berlin: J.B. METZLER, 2022.

FREITAS, M. do C. S. de; PENA, P. G. L. Fome e Pandemia de Covid-19 no Brasil. **Tessituras**, Revista de Antropologia e Arqueologia, Pelotas, v. 8, n. 1, p. 34-40, jan./jun. 2020. ISSN 2318-9576.

FRIEDMANN, G. **O futuro do trabalho humano**. Lisboa: Moraes Editores, 1968.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Boletim Observatório Covid-19**: balanço de dois anos da pandemia Covid-19 – janeiro de 2020 a janeiro de 2022. Brasília, DF: FIOCRUZ, 2022.

GLUCKMAN, M. **Rituais de rebelião no sudeste da África**. Série Tradução, v. 1. Brasília, DF: DAN/UnB, 2011.

GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa nas Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUMIERO, G. **Pandemia no Brasil**: fatos, falhas...e atos. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Referência, 2022.

HERTZ, R. A preeminência da mão direita: um estudo sobre as polaridades religiosas. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 99-128, 1980.

HIRATA, H. Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 24, n. spe 1, p.13-20, 2011.

HUMAN RIGHTS WATCH. Brasil: fracasso na resposta à emergência educacional. Cortes de orçamento e resposta desastrosa à pandemia de Covid-19 deixam milhões fora da escola. **Human Rights Watch**, 11 jun. 2021. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/news/2021/06/11/378937>. Acesso em: 20 dez. 2021.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **International Labour Organization Monitor: Covid-19 and the world of work**. 7. ed. [S.l.]: ILO, 2021. Disponível em: <https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/—dgreports/—dcomm/documents/briefingnote/wcms767028.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2021.

KOHAN, W. O. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Praxis educativa**, v. 15, 2020.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LIMA, A. C. S. **A indignidade do trabalho docente em tempos de pandemia**. 2021. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**; Livro 1: o processo de produção do capital. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MEAD, G. H. **Mind, self and society**. Chicago: University of Chicago Press, 1934.

MENEZES, K. M. G.; MARTILIS, L. F. de S.; MENDES, V. P. S. Os impactos do ensino remoto para a saúde mental do trabalhador docente em tempos de pandemia. **Universidade e Sociedade**, Pandemia da COVID-19: trabalho e saúde docente, ano 31, n. 67, jan. 2021. Disponível em: https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf. Acesso em: 28 ago. 2023.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, p. 15-35, 2002.

NORONHA, M. M. B. **Condições do exercício profissional da professora e os seus possíveis efeitos sobre a saúde**: estudo de casos das professoras do ensino fundamental em uma escola pública de Montes Claros, Minas Gerais. 2001. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Universidade Federal de Minas Gerais; Universidade de Montes Claros, Belo Horizonte; Montes Claros, 2001.

OFFE, C. **Trabalho e sociedade**: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da sociedade do trabalho. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

OLIVEIRA, D. A. A Reestruturação do Trabalho Docente: precarização e flexibilização. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, 2004.

OLIVEIRA, D. A.; PEREIRA JUNIOR, E.; CLEMENTINO, A. M. **Trabalho docente em tempos de pandemia**: relatório técnico. Belo Horizonte: [S.n.], 2021.

OLIVEIRA, R. C. de. **O trabalho do antropólogo**. 3. ed. São Paulo: Paralelo 15, 2006. Cap. 1.

OLIVEIRA, R. V.; SILVA, A. R. (org.). **Trabalho e pandemia**: informalidade, precarização e suas múltiplas relações. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2021.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. ILO Monitor: Covid-19 and the world of work. 1. ed. **ILO**, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://www.ilo.org/>. Acesso em: 5 mar. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Covid-19. **OPAS**, 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 14 jun. 2021.

ORNELL, F. *et al.* Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 12–16, 2020.

PARREIRA, F. J.; FALKEMBACH, G. A. M.; SILVEIRA, S. R. **Construção de jogos educacionais digitais e objetos de aprendizagem**: um estudo de caso empregando Adobe Flash, HTML 5, CSS, JavaScript e Ardora. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2018.

PEREIRA, A. S. *et al.* **Metodologia da aprendizagem em EaD**. Santa Maria: UAB/NTE/UFSM, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/15809>. Acesso em: 5 nov. 2023.

RADCLIFFE-BROWN, A. Estrutura e função na sociedade primitiva. Tradução de Nathanael Caixeiro. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

RIUTORT, P. **Compêndio de sociologia**. Tradução de Márcio Anatole de Sousa Romeiro. São Paulo: Paulus, 2008.

SANTOS, B. de S. **O futuro começa agora**: da pandemia à utopia. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

SANTOS, C. S. Educação escolar no contexto de pandemia. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 1, n. 30, p. 44-47, 2020.

SAVIANI, D.; GALVÃO, A. C. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Universidade e Sociedade**, ano 31, n. 67, 2021.

SESI. 2021. Disponível em: <https://www.fiema.org.br/sesi>. Acesso em: 5 dez. 2021.

SOUSA, A. P. de. Transformação e preferência pelas desigualdades econômicas e escolares. **Lutas Sociais**, v. 21, p. 36-48, 2017.

TANGUY, L. **A sociologia do trabalho na França**: pesquisa sobre o trabalho dos sociólogos (1950-1990). Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Edusp, 2017.

TARTUCE, G. L. B. P. **O que há de novo no debate da 'qualificação do trabalho'**: reflexões sobre o conceito com base nas obras de Georges Friedmann e Pierre Naville. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. doi:10.11606/D.8.2002.tde-02062003-170242. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-02062003-170242/pt-br.php>. Acesso em: 2024-03-31 13 mar. 2023.

VELHO, G. Observando o familiar. In: VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

VIEIRA, M. de F.; SILVA, C. M. S. da. A Educação no contexto da pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática de literatura. **Revista brasileira de informática na educação**, v. 28, p. 1013-1031, 2020.

WEBER, M. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1992.

WORLD BANK. **Global Economic Prospects**: June 2020. Washington: World Bank, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10986/33748>. Acesso em: 8 abr. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Demerval Santana de Araújo Filho¹⁶

PROFESSORES

EIXO 1: Pandemia-escola

1. Como você percebeu o período da Covid-19?
2. Como você observou o cenário da pandemia no Brasil?
3. Como você observou o cenário da pandemia no Maranhão?
4. O que você entende por lecionar?
5. O que significa pra você estar em sala de aula?
6. Qual a importância da educação?
7. O que você analisa do seu trabalho docente?
8. Como você percebeu o ensino remoto e o ensino híbrido?
9. Houveram mudanças no seu trabalho docente durante a pandemia?
10. Quais ferramentas de ensino você usou durante a pandemia?
11. Sobre sua saúde mental durante este período...

EIXO 2: Professor-aluno

1. Como você compreende o espaço escolar?
2. Qual a função da escola?
3. Qual a função do professor?

¹⁶ Mestrando do Programa Pós-graduação de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (PPGCSoc/UFMA) sob orientação do Prof. Dr. Antônio Paulino de Sousa.

4. Qual a função do aluno?
5. Como se deu a relação professor-aluno durante a pandemia? e os conflitos?
6. Houveram perdas e ganhos no ensino remoto?
7. Quais práticas pedagógicas você usou para tornar as aulas mais interativas?

EIXO 3: Espaço escolar pós-pandêmico

1. Como você observa o cenário atual na educação?
2. Quais suas percepções acerca do novo cenário educacional?

ALUNOS

EIXO 1: Pandemia-escola

1. Como você percebeu o período da Covid-19?
2. Como você observou o cenário da pandemia no Brasil?
3. Como você observou o cenário da pandemia no Maranhão?
4. O que significa pra você estar em sala de aula?
5. Qual a importância da educação?
6. Como você percebeu o trabalho do professor?
7. Como você percebeu o ensino remoto e o ensino híbrido?
8. Houveram mudanças na sua rotina durante a pandemia? Como você organizava seus momentos de estudo?
9. Quais ferramentas de ensino você usou durante a pandemia?
10. Sobre sua saúde mental durante este período...

EIXO 2: Aluno-professor

1. Como você compreende o espaço escolar?
2. Qual a função da escola?
3. Qual a função do professor?
4. Qual a função do aluno?
5. Como se deu a relação professor-aluno durante a pandemia? e os conflitos?
6. Houveram perdas e ganhos no ensino remoto?

EIXO 3: Espaço escolar pós-pandêmico

1. Como você observa o cenário atual na educação?
2. Quais suas percepções acerca do novo cenário educacional?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro, por meio deste termo, que concordei que
fosse
entrevistado(a) pelo pesquisador Demerval Santana de Araújo Filho, discente de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (PPGCSoc/UFMA) sob orientação do Professor Doutor Antônio Paulino de Sousa. Esta entrevista tem como finalidade fazer um levantamento através dos dados coletados e assim, analisar e perceber as percepções dos entrevistados acerca do período pandêmico e suas possíveis consequências para o atual cenário escolar.

A colaboração do entrevistado se fará por meio de respostas a perguntas. Na qualidade de responsável pelo aluno entrevistado, a partir da assinatura deste termo manifesto minha ciência e concordância com a gravação da entrevista com a possibilidade posterior transcrição.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste termo, onde consta o telefone/e-mail do pesquisador Demerval Santana de Araújo Filho, através do qual poderei tirar dúvidas sobre o projeto, agora ou a qualquer momento.

- Demerval Santana de Araújo Filho (santana.demerval@discente.ufma.br) – 98-98543-8999

São Luís, ____ de _____ de ____.

RESPONSÁVEL PELO ENTREVISTADO(A):

ASSINATURA:

APÊNDICE C – FORMULÁRIO – VIA DOCS – PROFESSORES

01/01/2024, 22:04

PANDEMIA E ESCOLA - PROFESSORES

PANDEMIA E ESCOLA - PROFESSORES

Questionário a fim de traçar o perfil dos respondentes que participaram das entrevistas com o discente de mestrado Demerval Santana de Araújo Filho (PPGCSoc - UFMA) sob orientação do Prof. Antônio Paulino de Sousa.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Qual seu nome? *

2. Raça/Cor *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Branca
- ☐ Parda
- ☐ Indígena
- ☐ Preta/Negra
- ☐ Amarela

01/01/2024, 22:04

PANDEMIA E ESCOLA - PROFESSORES

3. Marque a opção que melhor representa seu grau de satisfação diante seu salário. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 1 pontos - Muito insatisfeito, pois a remuneração que recebe é insuficiente para manter um padrão de vida digno.
- ☐ 2 pontos - Insatisfeito, por se tratar de remuneração incompatível (injusta) com sua dedicação ao trabalho.
- ☐ 3 pontos - Indiferente
- ☐ 4 pontos - Conformado, pois o salário é baixo, mas é compatível com sua dedicação ao trabalho.
- ☐ 5 pontos - Satisfeito, por se tratar de remuneração compatível com sua dedicação ao trabalho.
- ☐ 6 pontos - Muito bem remunerado.

4. Quanto tempo de docência? *

5. Quanto tempo de docência no SESI? *

6. Qual seu sexo? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino
- ☐ Não definido

01/01/2024, 22:04

PANDEMIA E ESCOLA - PROFESSORES

7. Renda *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 1 a 3 salários
- ☐ 4 a 6 salários
- ☐ 7 a 10 salários
- ☐ mais de 10 salários

8. Qual sua idade? *

9. Formação *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Graduação
- ☐ Especialização completa
- ☐ Especialização incompleta
- ☐ Mestrado incompleto
- ☐ Mestrado completo
- ☐ Doutorado incompleto
- ☐ Doutorado completo

01/01/2024, 22:04

PANDEMIA E ESCOLA - PROFESSORES

10. Área de Conhecimento *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Matemática
- ☐ História
- ☐ Geografia
- ☐ Sociologia
- ☐ Filosofia
- ☐ Biologia
- ☐ Física
- ☐ Língua Portuguesa
- ☐ Inglês
- ☐ Artes

11. Possui mais de um vínculo empregatício? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

12. Tem domínio em tecnologias educacionais? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Plataformas (Googles, Zoom, Meets)
- ☐ Simuladores
- ☐ Objetos de aprendizagem

13. Usa as redes sociais como ferramentas de ensino? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

01/01/2024, 22:04

PANDEMIA E ESCOLA - PROFESSORES

14. Teve covid19? *

Marcar apenas uma oval.☐ Sim☐ Não

15. Possui recursos tecnológicos (marque quantas opções quiser). *

Marque todas que se aplicam.☐ mesa digitalizadora☐ laptop☐ tablet☐ projetor☐ microfone☐ caixa de som☐ celular☐ computador fixo☐ internet banda larga

16. Como você avalia sua interação com seus alunos em 2021? *

Marcar apenas uma oval.☐ 1 - Muito insatisfeito☐ 2 - Insatisfeito☐ 3 - Indiferente☐ 4 - Satisfeito☐ 5 - Muito satisfeito

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE D – FORMULÁRIO – VIA DOCS – ALUNOS

01/01/2024, 22:05

PANDEMIA E ESCOLA - ALUNOS

PANDEMIA E ESCOLA - ALUNOS

Questionário a fim de traçar o perfil dos respondentes que participaram das entrevistas com o discente de mestrado Demerval Santana de Araújo Filho (PPGCSoc - UFMA) sob orientação do Prof. Antônio Paulino de Sousa.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. E-mail *

2. Qual seu nome? *

3. Raça/Cor *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Branca
- ☐ Parda
- ☐ Indígena
- ☐ Preta/Negra
- ☐ Amarela

4. Renda Familiar *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 1 a 3 salários
- ☐ 4 a 6 salários
- ☐ 7 a 10 salários
- ☐ mais de 10 salários

01/01/2024, 22:05

PANDEMIA E ESCOLA - ALUNOS

5. Qual seu sexo? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino
- ☐ Não definido

6. Renda *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 1 a 3 salários
- ☐ 4 a 6 salários
- ☐ 7 a 10 salários
- ☐ mais de 10 salários

7. Qual sua idade? *

8. Formação da mãe *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Ensino Fundamental Incompleto
- ☐ Ensino Fundamental Completo
- ☐ Ensino Médio Incompleto
- ☐ Ensino Médio Completo
- ☐ Ensino Superior Incompleto
- ☐ Ensino Superior Completo
- ☐ Pós-Graduação Incompleta
- ☐ Pós-Graduação Completa

01/01/2024, 22:05

PANDEMIA E ESCOLA - ALUNOS

9. Formação do pai *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Ensino Fundamental Incompleto
- ☐ Ensino Fundamental Completo
- ☐ Ensino Médio Incompleto
- ☐ Ensino Médio Completo
- ☐ Ensino Superior Incompleto
- ☐ Ensino Superior Completo
- ☐ Pós-Graduação Incompleta
- ☐ Pós-Graduação Completa

10. Como você avalia seu aprendizado em 2021? (1º ano do Ensino Médio) *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 1 - Muito insatisfeito, não consegui aprender nada.
- ☐ 2 - Insatisfeito, pois tive grandes dificuldades por conta da pandemia.
- ☐ 3 - Indiferente.
- ☐ 4 - Satisfeito, aprendi o necessário para aquele ano.
- ☐ 5 - Muito satisfeito, consegui aprender todos os assuntos sem qualquer dificuldade.

11. Como você avalia sua interação com seus professores em 2021? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 1 - Muito insatisfeito
- ☐ 2 - Insatisfeito
- ☐ 3 - Indiferente
- ☐ 4 - Satisfeito
- ☐ 5 - Muito Satisfeito

01/01/2024, 22:05

PANDEMIA E ESCOLA - ALUNOS

12. Tem domínio em tecnologias educacionais? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Plataformas (Googles, Zoom, Meets)
- ☐ Simuladores
- ☐ Objetos de aprendizagem

13. Usa as redes sociais como ferramentas de estudo? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

14. Quais sites, aplicativos ou plataformas mais utiliza para estudar? *

15. No seu cotidiano você costuma sentir algum efeito psicossocial? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ ansiedade
- ☐ hiperatividade
- ☐ desmotivação
- ☐ depressão
- ☐ não sinto nada que afete meu bem estar mental.
- ☐ Outro: _____

16. Teve covid19? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

01/01/2024, 22:05

PANDEMIA E ESCOLA - ALUNOS

17. Possui recursos tecnológicos (marque quantas opções quiser). *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ mesa digitalizadora
- ☐ laptop
- ☐ tablet
- ☐ projetor
- ☐ microfone
- ☐ caixa de som
- ☐ celular
- ☐ computador fixo
- ☐ internet banda larga

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários